

ELEIÇÕES



Associados da Cotrijuí voltam às urnas para eleger seus novos dirigentes

A HORA DO VOTO

Dia 15 de março, junto com a abertura da Assembléia Geral Ordinária, os associados da Cotrijuí voltam às urnas para escolher os seus novos dirigentes. 10.353 associados estão aptos a exercer o direito a voto, representando, 78,32 por cento do total. A posse dos eleitos acontece no dia 16, no encerramento da Assembléia

4, 5, 6 e 7

ASSOCIATIVISMO

Apsat São Martinho constrói sede própria. Em Inhaçorá produtores concretizam projeto formando a primeira Apsat do município. E em Ijuí, Apsat União Centenária se prepara para a festa de inauguração

3, 16 e 17

DIA DE CAMPO

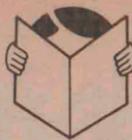


No dia de campo do CTC, os produtores acompanharam o enchimento do silo

A silagem na avaliação dos produtores de leite

Nos dias de campo que aconteceram na região, os produtores puderam avaliar o desempenho de materiais híbridos de milho para silagem e acompanhar o enchimento de silos

Centrais



Dia 15 de março os associados da Cotrijuí voltam às urnas. Eles vão escolher os novos Conselhos de Administração e Fiscal da Cooperativa. A eleição tem participação direta do quadro social, através de voto secreto, e acontece durante a realização da Assembléia Geral ordinária. Embora a Assembléia tenha duração de dois dias - 15 e 16 - a votação ocorre durante o dia 15, a partir das 9,00 horas estendendo-se até à tardinha. Tempo suficiente para que o associado exerça seu direito. Como em anos anteriores, além das urnas fixas, o associado pode escolher seus dirigentes através de urnas volantes que facilitam o acesso ao voto em todas as comunidades. Desencadeada pelos representantes, a eleição deste ano traz algumas novidades contempladas pelo novo

Estatuto Social, como o voto da mulher em substituição ao do marido. O novo Estatuto também estabelece a eleição de um presidente, um 1º vice-presidente e um 2º vice-presidente. Até o fechamento da edição, apenas uma chapa - a indicada pelos representantes - estava inscrita, apresentando o atual presidente Ruben Ilgenfritz da Silva à reeleição, Euclides Casagrande para 1º vice-presidente e Celso Sperotto para 2º vice-presidente. O Conselho de Representantes, referendou, desta forma, como foi registrado em reunião do dia 11 de fevereiro em Ijuí, a necessidade em dar continuidade a reorganização política interna e externa da cooperativa, consolidando assim, um trabalho que se resume, entre outras preocupações, com o Programa para a Década. O roteiro das urnas está nas páginas 4, 5, 6 e 7.



DO LEITOR

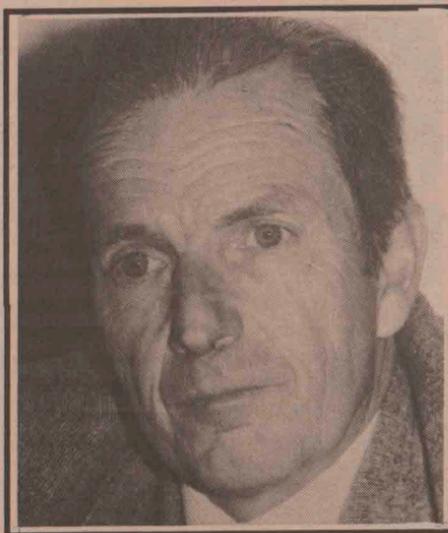
Senar qualifica mão-de-obra do trabalhador rural

Claudio Dario Lopes de Almeida

O homem só é completo quando pode exercer sua cidadania em toda a sua plenitude. Para isso é necessário que lhe sejam oportunizadas todas as possibilidades para seu desenvolvimento intelectual e social. É com essa visão que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR atua no Rio Grande do Sul há seis meses. A formação profissional e a promoção social são objetivos inseparáveis, aplicados a filosofia de atuação dos técnicos e orientadores do Senar já que a relação trabalho-educação é e sempre será uma tarefa complexa e que comporta muitos desafios.

Como entidade privada, o Senar é ligado à Confederação Nacional da Agricultura - CNA e nos Estados dirigido pelos presidentes das Federações da Agricultura. No Rio Grande do Sul, presidido pelo dirigente da Farsul, Hugo Eduardo Giudece Paz, o Senar em apenas seis meses promoveu a formação profissional de 1.061 trabalhadores do campo e para 1994 a meta é atingir 20 mil trabalhadores rurais em todo o Estado, num trabalho em parceria com Sindicatos Rurais, Prefeituras, instituições governamentais e não governamentais ligadas a agricultura. Dentro dos projetos elaborados para este ano, o Senar está preparado para realizar 900 cursos nas áreas da agricultura e da pecuária e que vão da Doma Racional passando pela mão-de-obra especializada em manutenção da maquinaria agrícola e o gerenciamento das empresas rurais, entre outros.

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO - A realidade encontra-



Ao promover uma proposta de trabalho que busca a melhoria das condições de vida do trabalhador rural, o Senar está plantando a semente que irá se refletir no desenvolvimento da nossa agropecuária

da nos municípios aponta a necessidade do curso que deverá ser realizado. A partir daí surge o planejamento participativo que envolve 120 Sindicatos Rurais e instituições que participam ativamente da elaboração das metas que devem ser atingidas. Com o curso implantado os alunos recebem treinamento, estágios para atualização e aperfeiçoamento.

Esse processo envolve também a descentralização das decisões que contam sempre com o envolvimento das entidades interessadas na promoção do homem voltado para as lides do campo.

A parceria com instituições como o Senar, Senac, Emater, Embrapa, universidades particulares e federais, Federacite, Feplam, Secretarias Estaduais e entidades privadas, permite ao Senar/RS trabalhar em cima da idéia da qualidade. Esta visão concede aos cursos, sempre apresentando inovações tecnológicas, a certeza de que com a otimização dos recursos aplicados, o retorno esperado se concretize na valorização do homem como ser integral.

Em apenas seis meses esse resultado pode ser quantificado na resposta obtida através de 80 cursos realizados em diversos municípios do interior gaúcho. Promover o trabalhador rural alcançando-lhe a oportunidade de aprimorar e evoluir é também uma maneira de criar meios para a sua fixação no campo.

CURSOS - 1994 já apresentou em seu primeiro mês uma mostra do que o Senar pode fazer pelo homem rural. Em janeiro foram realizados os cursos de Doma Racional em Bom Jesus e Alegrete, Apicultura em Barracão, Atendimento de Enfermagem e Veterinária em Pelotas e São Borja e ainda Manejos com Trator Agrícola em Júlio de Castilhos. Só nestes cursos, 154 trabalhadores rurais foram beneficiados.

Os cursos duram em média de 20 a 40 horas e são ministrados por técnicos agrícolas, médicos veterinários, professores universitários, técnicos em máquinas agrícolas,

agrônomos entre outras especializações. As turmas são formadas com cerca de 15 alunos e apenas o curso de apicultura permite um grupo maior que pode ficar entre 30 a 40 pessoas.

Em fevereiro estão programados vários cursos. Em Triunfo será realizado um curso de apicultura com início previsto para o dia 21 e encerramento no dia 25. No período de 28 de fevereiro a 4 de março o mesmo curso estará acontecendo em Condor e Panambi. Já no mês de março entre os dias 4 e 6, o curso sobre piscicultura estará sendo realizado em Cachoeira do Sul, município que também vai ter um curso sobre Doma Racional com início previsto para o dia 21 de fevereiro até o dia três de março.

Ao promover uma proposta de trabalho que busca a melhoria das condições de vida do trabalhador rural, o Senar está plantando a semente que sem sombra de dúvidas irá se refletir no desenvolvimento da nossa agropecuária. Para um Estado onde a vocação agrícola é histórica, com a atuação de entidades, instituições, profissionais e a Farsul, o Senar veio para suprir uma lacuna existente na busca de transformar aprimorando através da qualificação da mão-de-obra, tão necessária no meio rural. Na verdade o Senar realiza hoje a sedimentação de conhecimentos que darão resultados a curto prazo para um setor que sempre será o esteio de qualquer desenvolvimento social e econômico para o nosso Estado e nosso País.

Claudio Dario Lopes de Almeida
Diretor Secretário da Farsul

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone: (051) 361-2555, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 3372644 - Fax (051) 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161

- Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400 - Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente
Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente

Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira

Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitembach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, Florcio Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rudy Arno Bönmann, Amaury Antônio Scheer e Nelson Mário Bandeira

Suplentes

Ari Maffi, Milton Luiz Calgaro e João Cesar Picoli

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total.....	895.800 t

COTRIJORNAL

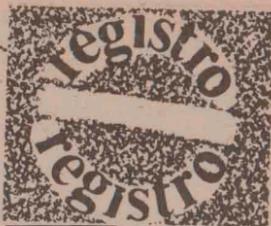
Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre
REVISOR
Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.



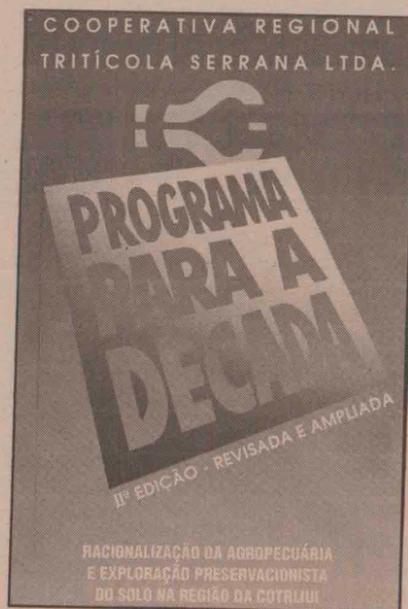
COTRIJUÍ

Programa para a Década em segunda edição

Já está circulando a 2ª edição do Programa para a Década. A segunda edição - revisada e ampliada - confirma o caráter dinâmico do Programa de racionalização da Agropecuária e Exploração Preservacionista do Solo na Região da Cotrijuí, o qual teve alguns projetos e subprojetos ajustados de modo a ser o mais fiel possível a realidade.

O nosso propósito é buscar de forma permanente o aperfeiçoamento do uso racional do solo, enfatiza o supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, organizador do progra-

ma. Ele evidencia, por isso, que como a primeira edição, também a segunda não é definitiva e sim consequência do processo de parceria regional - que é a base de sustentação política do programa - formalizada com a participação efetiva das prefeituras que integram a área de atuação da Cooperativa e, em especial, com a Campanha Regional de Microbacias Hidrográficas. Também em circulação - e fruto do trabalho integrado proposto pelo Programa - o Calendário de Eventos Agrotécnicos-94, organizado em conjunto pela cotrijuí e Emater-RS.



Consolidando o plantio direto

"O plantio direto está aí e deve avançar". Esta constatação da equipe agrotécnica da Cotrijuí e que inclusive está demarcada no Programa para a Década, com a meta de abranger 80 por cento da área ocupada pelas culturas anuais intensivas e mecanizadas - soja e milho -, está sendo incrementada com um trabalho de fomento para a aquisição de sementeiras de plantio direto pelos associados da Cotrijuí. A meta para 94 é de que pelo menos 400 sementeiras ingressem nas proprieda-

des da região, através de formas de financiamentos que estão sendo buscadas.

No mês de fevereiro, o supervisor da área de solos, Rivaldo Dhein e o gerente de Compras e Abastecimento da Cotrijuí, Auri Boff, estiveram visitando sete empresas fabricantes de sementeiras, com o propósito de encaminhar o programa de fomento de maquinário. As empresas contatadas foram a Indústria de Implementos Agrícolas "Vence Tudo" Imp. e Exp. Ltda., Menegaz S.A. - Indústria e Comércio, Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser Ltda., Lavrale Implementos de Qualidade, Cia. Semeato de Aços, Imasa - Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S.A. e Eickhoff Máquinas Agrícolas Ltda.

Em resposta a este primeiro contato, a equipe da Cotrijuí acertou a exposição de cada um dos modelos de

semeadeiras no pátio da sede da Cooperativa já a partir de março. Assim, "o produtor poderá avaliar qual o modelo mais adequado à sua propriedade e preparar-se para entrar valendo com o plantio direto na próxima safra de verão", destaca Rivaldo.

As máquinas expostas servirão ainda para demonstrações sobre o sistema, em dias de campo a serem marcados também em março, nos quais será mostrada a eficiência do maquinário e acima de tudo enfatizado a necessidade de se programar o plantio direto já na safra de inverno. O produtor, salienta o supervisor, terá todo o período de inverno para, se necessário, descompactar e corrigir o solo, refazer o sistema de terraços - base larga em nível -, aprimorar o controle de invasoras e, o que é fundamental, implantar uma cultura de cobertura do solo adequada, conforme detalha a coluna de solos nesta edição.

Novo ministro

O ex-governador gaúcho Synval Guazzelli é o novo ministro da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária. O então diretor de Crédito Geral do Banco do Brasil tomou posse no dia 25 de janeiro substituindo Alberto

Portugal. Natural de Vacaria, o novo ministro assumiu o cargo afirmando o seu propósito de dar uma solução rápida para o endividamento agrícola e a partir daí abrir caminho para a criação de um novo modelo de crédito rural.

Reuniões de Safra

Os números da próxima safra, normas de recebimento, comercialização, entre outros assuntos começam a ser discutidos numa rodada de reuniões - Safra 93/94 - com os associados da Cotrijuí, programadas para fins de fevereiro e início de março. As reuniões que estão sendo organizadas pelas gerências das Unidades com o apoio dos representantes, vão contar com a presença da direção eleita e diretores contratados. O calendário das reuniões Safra 93/94 é o seguinte:

- dia 22 de fevereiro, em Ijuí, às 19 horas
- dia 28 de fevereiro, em Tenente Portela, às 14 horas
- dia 1º de março, em Ajuricaba, às 19 horas
- dia 02 de março, em Chiapetta, às 20 horas
- dia 04 de março, em Santo Augusto, às 19 horas
- dia 08 de março, em Dois Irmãos, às 20 horas
- dia 09 de março, em Coronel Bicaco, às 20 horas
- dia 10 de março, em Augusto Pestana, às 20 horas
- dia 11 de março, em Jóia, às 20 horas

Emater em São Martinho

O município de São Martinho está contando, desde agosto do ano passado, com os trabalhos de um escritório da Emater. Reivindicação antiga da comunidade, a Emater chegou com a proposta de levar os produtores do município a alcançar melhores resultados em suas atividades a partir do uso mais racional do solo. Funcionando de forma provisória junto a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Emater de São Martinho conta com o trabalho do engenheiro agrônomo Amauri Coracini.

Ainda atuando em fase de reconhecimento das necessidades dos produtores, Coracini tem dedicado boa parte do seu tempo a acompanhar e fiscalizar os recursos que estão sendo aplicados na construção da nova sede da Apsat São Martinho. O assessoramento técnico continua sendo dado pelo pessoal da área técnica da Cotrijuí em Santo Augusto.

Junto com o trabalho de reconhecimento dos anseios dos agricultores e de fiscalização da Apsat, Coracini também participou, junto com a Prefeitura Municipal e Secretaria municipal de Agricultura, de um projeto de formação de Patrulhas mecanizadas, "a atuar na conservação do solo do município" e ainda na execução de um estudo que pretende fazer um raio X da situação do município. Sem se restringir apenas a área agrícola, o estudo atingiu comércio, indústria e prestação de serviços. "A partir deste diagnóstico, a Prefeitura Municipal pretende traçar um

plano de ação", diz Coracini projetando para 1994 um trabalho muito forte, via Emater, em cima das microbacias hidrográficas. "O produtor só vai alcançar melhores níveis de produtividade se tratar melhor o seu solo", acredita.



Amauri Coracini

FARSUL

Hugo Giudice Paz é reeleito

Hugo Giudice Paz foi reeleito presidente da Farsul, em eleição realizada no dia 17 de janeiro e que referendou a chapa única encabeçada pelo atual presidente. A reeleição garante continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos três anos como a discussão de propostas que facilitem a concretização do Mercosul e acrescido por novos fatos como a CPI do Endividamento Agrícola. Uma das novas frentes de trabalho da nova diretoria é o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar. O programa iniciou em julho do ano passado, totalizando um atendimento de mil e 32 alunos. Para 94, a meta é preparar mais de 18 mil pessoas em diversos cursos programados.

A diretoria que toma posse no dia 22 de março tem como 1º vice-presidente Regis Lopes Salles; vice-presidentes: João Alberto Dutra Silveira, Armando Carlos Roos, Cláudio Dario Lopes de Almeida, Eurico Farias Dorneles, Valmir Antônio Susin, Olavo Brasil Borges, Erny Carlos Heller, Francisco Ribeiro Tellechea e João Carlos Fagundes Machado; 1º diretor secretário: Luiz Fernando de Oliveira Nunes; 2º diretor secretário: Antônio Chaves Barcellos; 1º diretor financeiro: Humberto Otto Duvelius - delegados representantes na CNA: Hugo Giudice Paz - efetivo, João Alberto Dutra Silveira e Ary Maria Marimon - suplentes.

APSAT UNIÃO CENTENÁRIA

Inauguração no dia 5 de março

A Apsat União Centenária, o primeiro condomínio rural de Ijuí, localizado em Alto da União, está esperando de 800 a mil pessoas para a sua festa de inauguração que acontece no dia cinco de março. Os seus 22 sócios e demais profissionais que atuam com a Apsat estão empenhados com a distribuição de convites e organização da festa que tem a seguinte programação:

- 10 horas: inauguração oficial com a presença do governador do Estado Alceu Collares, na sede da Apsat.

- 11 horas: pronunciamento das autoridades no Clube de Alto da União, com a presença do secretário da Agricultura e do Abastecimento Francisco Barbosa Isolan, coordenadora de programas especiais da SAA, Beate Petry, prefeito municipal de Ijuí, Wanderley Agostinho Burmann, demais prefeitos da região, Cotrijuí, Emater, deputados, vereadores, representantes de entidades sindicais e bancárias, entre outras.

- 12 horas: almoço de confraternização.

Todas as Apsats do Estado estão convidadas a participarem da festa de inauguração. É para os demais interessados é só passar em qualquer um dos escritórios da Emater da região da Cotrijuí para fazer a inscrição.



É hora de votar

Os associados da Cotrijuí estão se preparando para voltar às urnas em 15 de março, quando então, deverão eleger os novos conselhos de Administração e Fiscal da Cooperativa. A escolha dos novos membros dos conselhos, a ser feita através do voto direto e secreto, envolve todo o quadro social e acontece durante a realização da Assembléia Geral Ordinária que é realizada todos os anos para apreciação, discussão e votação do Relatório da diretoria, do Balanço do exercício anterior, do demonstrativo de sobras e perdas, do parecer do Conselho Fiscal e demais assuntos em pauta no edital de convocação. Embora a Assembléia tenha duração de dois dias - 15 e 16 - a votação ocorre apenas durante o dia 15, estendendo-se até à tardinha. A apresentação do resultado da votação e posse dos eleitos acontece no final da Assembléia, dia 16, a partir das 11 horas.

Cerca de 150 urnas - entre fixas e volantes - estarão espalhadas pelas Unidades da Cotrijuí - de Tenente Portela e Jóia e em Dom Pedrito -, neste dia 15 para receber o voto dos associados, que não é

obrigatório, mas um dever, que também se traduz em participação efetiva. Para que os associados não tenham que deixar a lavoura e se deslocar até a cidade para votar, uma urna estará passando pertinho da sua casa, permanecendo, no mínimo, 30 minutos na Escola, na igreja, no salão da comunidade ou na casa de algum vizinho. Para não perder o horário da passagem da urna, basta consultar o roteiro de urnas que está sendo publicado a seguir.

ALGUMAS MUDANÇAS - A eleição deste ano, para escolha dos novos conselhos de Administração e Fiscal da Cotrijuí, traz algumas novidades, contempladas no novo Estatuto Social e referendadas pela Assembléia Geral Extraordinária realizada em outubro do ano passado. Pelo novo Estatuto, os associados vão eleger, a partir deste ano, um presidente, um 1º vice-presidente, um 2º vice-presidente e 10 conselheiros de administração e igual número de suplentes, por um prazo de três anos.

Como o Estatuto alterou a data de encerramento do exercício contábil da coo-

perativa, que passará, já a partir deste ano a ser realizado de 1º de julho a 30 de junho de cada ano, o mandato dos conselheiros de administração - presidente, vices e demais membros - será prorrogado por mais meio ano. "A reforma estatutária está dilatando o mandato dos membros do Conselho de Administração para 1997, explica o diretor da Divisão Administrativa da Cotrijuí, Gustavo Drews, lembrando que uma nova eleição ocorrerá por ocasião da realização da Assembléia Geral Ordinária para apreciação do Balanço referente ao exercício 1º de julho de 1996 a 30 de junho de 1997.

O desencadeamento do processo sucessório na Cotrijuí é de responsabilidade dos representantes. As discussões em torno de definições de nomes está praticamente arrematada, e nesse processo, o grande desafio dos representantes é buscar nomes que preencham o perfil já traçado. Além de uma visão global da cooperativa, pois ele não estará representando apenas a sua unidade ou comunidade, o novo conselheiro deverá ter condições para desem-

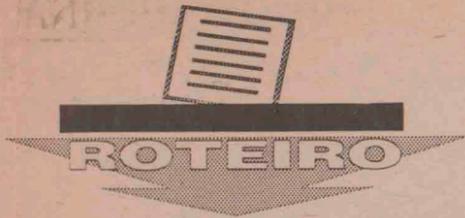
penhar o papel de planejador das políticas da cooperativa", traduz Gustavo Drews. Ele lembra ainda que o próprio Estatuto permite a possibilidade de outras composições diferentes daquela planejada pelos representantes. De qualquer forma, a nova composição terá que cumprir alguns requisitos pré-estabelecidos pelos representantes.

Participação efetiva e consciência plena da realidade da cooperativa são requisitos reafirmados pelo coordenador geral e vice-coordenador dos representantes, Mário Régis Sperotto e Claudivan Rohenkohl. Em reunião ocorrida no dia 11 de fevereiro em Ijuí, Sperotto e Rohenkohl, juntamente com os coordenadores de cada unidade e demais integrantes do Conselho aprovaram uma nominata que cumpre essas exigências. Os representantes também se decidiram pela elaboração de um documento com sugestões administrativas que será encaminhado aos membros da chapa indicada por eles - a única registrada até o fechamento da edição - e que é encabeçada pela atual diretoria.

TENENTE PORTELA

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS	NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Santa Fé	9,00-9,30hs	Salão Comunitário	Esquivio Salla e Félix Gotardo	Esquina Jaboticaba	10,00-10,30hs	Salão Comunitário	Pedro Avrella e Raul S. da Luz
Belo Horizonte	9,30-10,00hs	Salão Comunitário	Olmiro Callai e Santo Tibola	Capoeira Grande	10,30-11,00hs	Clube	Mário Paier e Arlindo Brietzke
Lageado Librino	10,00-10,30hs	Salão Comunitário	Olivio Calgano e José Martinelli	Tiradentes	11,00-11,30hs	Salão Comunitário	Claudino Verdi e Dorvalino Cansi
Esquina Colorado	11,00-11,30hs	Salão Comunitário	Francisco Tuzzin e Hugo Selle	Saltinho	13,00-13,30hs	Salão Comunitário	Olidio Lorenzi e Leonório Tomazzi
Barra Grande	13,30-14,00hs	Salão Comunitário	Celso Fontana e Nilton Bandeira	Lageado Loreno	13,30-14,00hs	Escola	Valdir Gervazoni e Olidio Lorenzi
Centro Novo	14,00-14,30hs	Salão Comunitário	Nilton Bandeira e José L. Bandeira	Bom Plano	14,00-14,30hs	Salão	Leonório Tomazi e Olidio Lorenzi
Desimigrados	15,00-15,30hs	Salão Comunitário	Odilon Rigo e Oldemar Ruff	Vista Gaúcha	15,00-16,00hs	ADCA	Selenio Sandri e Nilo Picinini
Dois Marcos	16,00-16,30hs	Salão Comunitário	Carlos Ortolan e Dionísio F. Ortolan	São Sebastião	16,00-17,00hs	Salão Comunitário	Deoclides Eloy e Celeste Crespão
Três Marcos	16,30-17,00hs	Salão Comunitário	Antônio Rigo, Benjamin Rigo	São Pedro	9,00-10,00hs	Salão Comunitário	Olimpio Wolfardt e Aléssio Fontaniva
Bela União	9,00-9,30hs	Salão Comunitário	Wili Walk e Ernesto Ulrich	KM 12	13,30-14,00hs	Salão Comunitário	Nilson Pagno e Dorivaldo Nodari
Gamelinha - Comunidade Luterana São Pedro	10,00-10,30hs	Salão Comunitário	Darci Schowanz e Sadi Breunig	Daltro Filho	14,30-15,00hs	Salão Comunitário	Achiles Balestrin e Danilo Balestrin
Água Fria	13,30-14,00hs	Escola Bela União	Cesil Adorian e Acir Macali	Linha Glória	15,00-16,00hs	Escola	Ludovino Splendor e Augusto Botura
Coxilha Ouro	14,00-14,30hs	Salão Comunitário	Bruno Arnemann e Valdir Leonhardt	Braço Forte	9,30-10,00hs	Salão Comunitário	Valdir Furini e Leocir Pozzebom
Linha São Paulo	14,30-15,00hs	Salão Comunitário	Ervin J. Werner e Wili Wendlund	Nossa Senhora da Saúde	10,00-11,00hs	Salão Comunitário	Gabriel Vicenzi e Roque Furini
Irapuazinho	15,00-15,30hs	Pavilhão	Nelson Oliveira e Emílio João Fischer	Lagoa Bonita	13,30-14,30hs	Salão Comunitário	Licério Micolino e José Comiotto
Irapuá	16,00-16,30h	Escola	Anélio Pelizan e Albano Hermann	Capitel Santo Antônio	14,30-15,00hs	Salão Comunitário	Licério Micolino e Dorval C. Machado
Colônia Nova	16,30-17,00h	Escola	Roni J. Bernardi e Henrique Jaroschewski	Barreiro	15,00-16,00hs	Salão Comunitário	Izalino Pavinatto e Arlindo de Carli
Jaboticaba	9,15-9,45hs	Salão Comunitário	Valdir P. Gabriel, Marinho Ferreti	Derrubadas	9,00-17,00hs	Mercado/Bagega Balestrin	Eugênio Bagega e Theobaldo Elsembach
				Sítio Gabriel	9,00-17,00hs	Com. Sítio Gabriel	Osmar Selle e Antenor Andreatta
				Tronqueiras	9,00-12,00hs	Pavilhão Igreja	Ivo S. Figur e Anildo Schmidt
				Miraguai	9,00-17,00hs	Mercado Cooper	Arlindo Valk e Alfredo Mower
				Unidade Sede	9,00-17,00hs	Escritório	Albino Schepp, Danilo Bassani e Gelson Rafaelli
				Sindicato Trab. Rurais	9,00-17,00hs	Sindicato	Gelson Ferrari e Orlando Denis
				Sicredi - Tenente Portela	9,00-15,00hs	Sicredi	Euclides Rosseti e Aquilino Bavaresco

A votação inicia em todas as unidades durante todo o dia 15 de março. Participe! O seu voto é um dever que se traduz em participação efetiva.



A votação é no dia 15

O processo de votação não traz nenhuma alteração significativa nesta eleição. A votação vai acontecer durante todo o dia 15 de março, seguindo esquema semelhante ao montado em eleições anteriores e já de pleno conhecimento da maioria dos associados. Para exercer seu direito a voto, o associado conta com dois tipos de urnas, o que também não é nenhuma novidade: as fixas e as volantes. As urnas fixas permanecem durante todo o dia nos escritórios e lojas das Unidades, nos Postos de Recebimento de Produtos e nas sedes de alguns Sindicatos Rurais. Já as urnas volantes vão percorrer - a exemplo do que vêm ocorrendo há vários anos - roteiros itinerantes pré-estabelecidos de forma conjunta entre gerência, setor de Comunicação e Educação da Unidade e o representante da localidade.

Para que o produtor não perca a pas-

sagem da urna na sua comunidade e não tenha que largar o serviço da lavoura para ir até a cidade exercer o direito a voto, o Cotrijornal está trazendo nesta e nas páginas seguintes, a localidade, o horário, o local - se na igreja, na escola ou no salão - e os mesários que vão trabalhar no dia da votação. É só conferir o roteiro.

QUEM PODE VOTAR - A partir desta eleição, as mulheres não ficam mais totalmente de fora do processo que vai eleger o novo Conselho de Administração da Cotrijuí. Segundo o novo Estatuto, a mulher poderá votar em substituição ao marido ou parceiro, desde que o mesmo tenha feito o ajuste necessário na sua matrícula, incorporando o nome da mulher ou da companheira. É este ajuste que vai dar condições para que a mulher vote em nome do marido. Mas é bom ressaltar que o voto

é único. Ou seja, não vale o voto do casal ao mesmo tempo. Apenas um poderá exercer o direito a voto.

Nesta eleição, dos 13 mil 219 associados da Cotrijuí, 10 mil 353 estão aptos a exercer o direito a voto, representando 78,32 por cento do total. Só vão poder votar no dia 15 de março, aqueles associados que entregaram a sua produção até o dia 31 de dezembro de 1993. Não podem votar associados funcionários da Cotrijuí.

Para exercer seu direito a voto, o associado deve levar junto, na hora da votação, a sua carteirinha social. Ela funciona como título. Além disso, a carteirinha facilita o trabalho dos mesários e deve ser carimbada, pois é comprovante de que o associado participou de mais um momento decisivo e importante na vida da sua cooperativa. O associado também deve procurar votar na Unidade em que entregou a sua

produção. Isso não impede, no entanto, caso esteja em trânsito, que vote em outra Unidade, desde que comprove estar apto a exercer seu direito a voto. Essa situação pode ser comprovada através da apresentação de uma nota fiscal ou bloco de produtor.

Em caso de parceria, ou seja, quando dois associados trabalham juntos, apenas um deles poderá votar. Caso um dos parceiros tenha matrícula individual, tem então garantido o seu direito a voto, podendo inclusive, caso seja escolhido pela parceria para representar a matrícula, votar duas vezes.

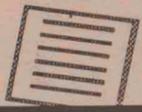
Nesta eleição, com votação marcada para o dia 15, com posse dia 16, os associados da Cotrijuí, aptos a votarem, vão eleger um presidente, dois vices-presidentes, 10 conselheiros de administração e 3 fiscais e respectivos suplentes.

IJUÍ

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS	NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Linha 08 Oeste	9,00-10,00hs	Pavilhão Igreja Evangélica	Arlindo Treter e Sardi Avelino Galert	Santa Lúcia	9,00-12,00hs 14,00-17,00hs	Centro Comunitário Centro Comunitário	Severino Costa Beber e Amarildo Vieira Getúlio Baiotto e Zebuino Massafra
Linha 06 Oeste - Esquina Dutra	10,30-11,30hs	Escola	Valdir José Pascoal e Olmiro Diana	Salto	9,00-12,00hs 14,00-17,00hs	Centro Comunitário Antigo Mercado Cotrijuí	Nelson L. Vilani e Ataídes Mori Abílio Gelatti e Geraldo Bigolim
Vila Santo Antônio	9,00-10,15hs	Salão Comunitário	Valdir Ferrari e Pedro Dalla Rosa	Rincão da Lage São Miguel	9,00-10,00hs 10,30-11,30hs	Centro Comunitário Centro Comunitário	Luís Rosa e Frederico Casali Leonildo Gabbi e Renato Cossetin
Vila Santo Antônio	10,30-11,30hs	Escola João Pessoa	Dante Antônio Boniatti, Ademar Antônio Agostini	Cotrijuí	9,00-12,00hs 13,30-17,00hs	Recepção Recepção	Valdemar Michael e Almir Bigolim Jaime Wender e Valter Driemaier
Coronel Barros	9,00-12,00hs 14,00-17,00hs	Sede Credipel	Sênio Kirst e Alceu Uecker, Edio Krug e Oldemar Eberle	Linha 6 Oeste Esquina Heidmann Linha 11 Oeste	14,00-15,30hs 16,00-17,00hs	Escola Souza Lobo Escola Lobo da Costa	Alécio F. Pascoal e Vilmar Treter, Valdir Wilde e Lucídio Hermann
Povoado Santana - Linha 5 Leste	9,00-10,00hs 10,15-11,30hs	Centro Comunitário Escola Fernão Dias	Luiz Karlinski e João Macoski Vanderlei Megier e Nelson Plasecki	Linha 9 Norte	14,00-15,30hs	Pavilhão da Igreja Evangélica	Edemar Fischer e Valter Matner
Alto da União - Parador	9,00-10,00hs 10,30-11,30hs	Clube Alto da União Centro Comunitário	Elmário Korb e Elzvir Welter Victório A. Muraro e Severino Lourenço Goi	Linha 11 Norte	15,45-17,00hs	Pavilhão da Igreja Católica	Hari Wotrich e Zeno Lauro Heck
Rincão da Ponte	9,00-10,00hs	Escola João Danis	Alber Noronha e João C. N. Martins	Itaí	14,00-16,30hs	Escola Pedro Maciel	Irio Jaeger e Amo Berno
Araci Serves	10,30-11,30hs	Centro Comunitário	Orlando Becker e Ary A. Golle	Linha 6 Leste	14,00-15,30hs	Salão da Sociedade 12 de Outubro	Getúlio Garzella e Emo Prauchner
Arroio das Antas	9,00-10,00hs	Escola Inconfidência	José Tietzmann e Arlei Hermann	Linha 4 Leste	15,45h-17,00hs	Escola Pedro Alvares Cabral	Mario Jacoboski e Dari Winkoski
Rincão dos Fabrín	10,30-11,30hs	Centro Comunitário	Francisco Milani e Nelvir Kryczum	Linha 7 Leste - Posto Florestal	14,00-15,30hs	Salão Paroquial	Arzoli Roman e Selvino Wender
Chorão	9,00-10,00hs	Escola	Egídio Bin e Remi Soquetta	Linha 4 Leste - Aula Ijujense	15,45-17,00hs	Centro Comunitário	Alberto Andriolo e Alarico D. Ceretta
Linha 2 Norte	10,30-11,30hs	Salão Comunitário	Bruno Lindner e Valdemar Freitag	Rincão do Tigre Linha Base Sul	14,00-15,30hs 14,00-15,00hs	Centro Comunitário Escola Luiza Figueiredo Neves	Reinaldo Dobler e Angelo Casagrande, Paulo Tissot e Valdir José Dezordi
Mauá	9,00-12,00hs 14,00-17,00hs	Antigo Mercado Cotrijuí	Oldemar Decker, Valdir Ketzler, Nelziro Prauchner e Armino Decker	Rincão dos Goi	16,00-17,00hs	Centro Comunitário	Selvino Goi e Alvino Goi
Linha 6 Norte/Tuiuti	9,00-12,00hs 14,00-17,00hs	Antigo Mercado Cotrijuí Antigo Mercado Cotrijuí	João Kettenhuber e Aristides Hubert, Arnildo Heck e Jair da Rosa	Barreiro	15,30-16,30hs	Pavilhão da Igreja	Gilberto Brum e Leocir Wadas
Sin. Trabalhadores Rurais	9,00-11,00hs 14,00-17,00hs	Sede/Recepção	Valmir Kryczum e Júlio Gabbi	Linha 6 Norte/Irgang	14,00-15,00hs	Pavilhão da Igreja	Arnildo Schreiber e Antoninho V. Del Frari
Sindicato Rural	9,00-11,30hs	Sede/Recepção	Egon Eickhoff e Gildo Copetti	Boa Esperança	14,00-15,30hs	Centro Comunitário	Silvestre Antonello e Reini Tieckert
Linha 11 Oeste - Passo da Cruz	9,00-10,00hs 10,00-11,30hs	Escola Guia Lopes Escola Municipal D. Pedro II	Júlio Herter e Ari Casalini Renaldo Philip e Oldemar Eberle	Linha 10 Leste	16,00-17,00hs	Pavilhão da Capela	Valdir Foletto e Nelsindo Felipin
Dr. Bozano	9,00-10,15hs	Centro Comunitário	Darci Tiecher e Valquir Buzetto	Linha 11 Leste/Rincão dos Letos	14,00-15,00hs	Escola André Galles	Cerilo Kromberg e Cezar A. Copetti
Saltinho	10,30-11,30hs	Salão Comunitário	Romeu de Jesus e Nelson Casagrande	Linha 8 Leste/Esquina Kapke	15,30-17,00hs	Salão Kapke	Vanderlei Glitzenhirn e Naldir Ledermann
Linha 8 Leste/Farroupilha	9,00-10,00hs	Salão Farroupilha	Airton da Rosa e Edilson Eickhoff	São Valentim	14,00-14,45hs	Capela	Amadeu Stochero e Arthur Sartori
Linha 8 Leste/Floresta	10,30-11,30hs	Centro Comunitário	Luiz Carlos Busanello e Eloi Sandro Copetti	Rincão dos Pinheiros	15,00-15,30hs	Escola	Selvin Gabbi e Domingos Bagolim
				Vista Alegre	16,00-17,00hs	Salão Comunitário	Alfredo Dal Forno Sobrinho e Archilio Gabbi
				Rincão dos Pampas	13,30-15,00hs	Escola Municipal Reinaldo Uecker	Erart Kun e Hélio Wildner
				Linha Pulador	15,30-17,00hs	Escola Visconde de Palmares	Erart Kunlfn e Hélio Wildner

IMPORTANTE!

Não esqueça de conferir a hora e local de votação e de levar a sua carteirinha social.



ROTEIRO

CORONEL BICACO

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijuí	9,00-12,00hs 13,30-17,00hs	Escritório da Unidade	César Augusto A. dos Santos, Bráulio Martins da Rocha e Erich Breunig
Canhada Funda	9,00-9,30hs	Escola	Jair Luís Bazzan, José Loureiro de Mello e Dirceu Bastos dos Santos
Sítio Kerpel	9,30-10,00hs	Escola	Jair Luís Bazzan, Ilda Kerpel e Nelson Kerpel
Braga	10,15-11,00hs	Sede do CTG	Jair Luís Bazzan, Ari Maffi e Lourdes Lorenzatto
Sítio Olivério	11,00-12,00hs	Escola	Jair Luís Bazzan, Vanderlei Dornelles e Leoni Barrichello
São Pio X	13,30-14,30hs	Salão Comunitário	Jair Luís Bazzan, Gilberto Fava e Ivo Roberti
Vista Alegre	14,30-15,30hs	Salão Comunitário	Jair Luís Bazzan, Marcos Giacomini e Jaime Jung
Redentora	15,30-16,30hs	Sede Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Jair Luís Bazzan, Ivo Fava e Vilmar Bottega
Sítio Demiquelli	16,30-17,30hs	Escola	Jair Luís Bazzan, Ênio R. Della Flora e Olívio Demiquelli
Esquina Mendonça	9,00-9,30hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Aristides R. Almeida e Aurides Batista
Turvinho	9,30-10,00hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Antônio Radaelli e Jardelino M. Campos
Vila São Pedro	10,00-10,30hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Valtéri Oliveira e Sebastião Germano
Sítio Lütz	10,30-11,00hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Paulo Fortes e José Amaral
Sítio Mairosa	11,00-11,30hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Oldemar L. Barcellos e Carlito Marques
Esquina Aparecida	11,30-12,00hs	Salão Comunitário	Ângela Inês Dornelles, Elio Simionato e João Pedro Zalamea
Campo Santo	14,30-15,00hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Brasil Portela e Jerônimo Bester
Paineira	15,30-16,30hs	Escola	Ângela Inês Dornelles, Osvaldo Cordenuci e Élio Berlezi
Esquina São João	9,00-10,00hs	Salão Comunitário	Antônio Gilmar Almeida, Milton Moka e Luiz Orsini Lauer
Galpões	10,00-10,30hs	Escola	Antônio Gilmar Almeida, Osmildo Bielecki e Nestor Azevedo
Estância Velha	10,30-11,00hs	Escola	Antônio Gilmar Almeida, Clair Birkhahn e Antônio M. Reis
Rincão dos Júlio	11,00-12,00hs	Escola	Antônio Gilmar Almeida, Dorvil Júlio e Loir Soares Oliveira
Portão Velho	13,30-15,00hs	Escola	Antônio Gilmar Almeida, Clair Birkhahn e Antônio de Moura Reis
Esquina Evangélica	15,00-16,00hs	Escola	Antônio Gilmar Almeida, Milton Birkhahn e Acácio da Rocha

CHIAPETTA

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijuí	9,00-12,00hs 13,30-17,00hs	Escritório da Unidade	João Carlos Maboni, Arnildo Beck, Alcides Guarda Lara e Celso Maboni
São Judas	13,30-16,00hs	Salão Comunitário	Gilberto Bortolini, Eduardo Mattioni e Clodoaldo Estopigliola
Ponte do Buricá	13,30-15,30hs	Escola Ildelfonso Gomes	Ivo Mariano Foletto, Eloy Bartsch e Everson Beschomer
Linha São José	13,30-16,00hs	CTG Lembrando o Passado	Santo Rocha Padilha, Vilmar Ianke e Marco André Junges
As Brancas	13,30-16,00hs	Escola Rural	Oldemar Weiller, Jorge Rochineski e Ilceu Strada

DOIS IRMÃOS DAS MISSÕES

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijuí	9,00-11,30hs 13,30-17,00hs	Escritório da Unidade	Edson Alencar Hermel, Êzio Barzotto e Denis Briedi
Coronel Finzito	9,00-9,30hs	Escola	Valcir Luís Albiero, José V. Oliveira e Max Bauchspiess
Coxilha Liberdade	10,00-11,30hs	Escola	Valcir Luís Albiero, José V. Oliveira e Lenito Fior
Tabuão	13,30-15,00hs	Escola	Valcir Luís Albiero, José V. Oliveira e João Adão dos Santos Mello

SANTO AUGUSTO

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijuí	9,00-12,00hs 13,30-18,00hs	Escritório da Unidade	Irani A. Gonzatto, Vitêlio Schio e Mário Régis Sperotto
São Valentim	13,30-16,00hs	Salão Comunitário	Italvino Sperotto, Jorge A. Sperotto, Antônio Nicolli e Eurico Prauchner
São Pedro	16,30-17,45hs	Salão Comunitário	Nicanor João Ceolin, João Carlos Baraldi e Dilson Luiz Moresco
São Jacó	13,30-16,00hs	Salão Comunitário	Carlos Alberto Paraginski e Adão Ciotti
Ponte Seca	16,30-17,45hs	Salão Comunitário	Milton Miguel Moresco, Moacir Santi e Osvino Bartsch
São Luiz	13,30-16,30hs	Salão Comunitário	Valter Tontini e Leopoldo da Silva Rocha
Coroados	13,30-17,00hs	Salão Comunitário	Genésio Bauzewein, Paulo B. Kahl, Orlando Blaszcak, Lucas Sansonovicz e Ângelo Speroni Neto
São Valério do Sul	9,00-12,00hs 13,00-17,30hs	Mercado	Valdir Gonzatto, Jorge Roncatto e Mário Luiz Tamiozzo
Esquina Nossa Senhora de Fátima	13,30-16,00hs	Salão Comunitário	Airton Luiz Schindwein, Mário Busiol e Otilo Werner
Costa do Turvo	16,30-17,45hs	Salão Comunitário	Valmor F. E. Santos, Eraldo Afonso Bender e Rubens Grossmann
Passo da Lage	13,30-16,00hs	Salão Comunitário	Valdir Vender, Valzumiro João Calgare e Nelson B. Kuss
Pedro Paiva	16,30-17,45hs	Residência de Idalino Speroni	Heitor Rodrigues Antônio e Valmir P. Varini
Assis Brasil	13,30-17,30hs	Salão Comunitário	Irineu Pedro Pettenon, Bernardo Radin e Silvino Pettenon
São Martinho	13,30-17,30hs	Sede Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Idalino Speroni e Dary Speroni
Sicredi	10,00-15,00hs	Sede: Rua Júlio P. dos Santos	Arcelino Beazi, Eldevir Albino Bordignon e Fermio Bandeira

Comissão de escrutínio: prefeito Alvorino Polo; gerente Cotrijuí na Unidade, Antônio Weiller; o conselheiro de administração, Jorge Alberto Sperotto; o coordenador dos representantes, Osvino Bartsch; o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, João Juarez Possatto e o presidente do Sindicato Rural, Carlos A. I. Depieri.

JÓIA

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Unidade	9,00-12,00h	Escritório Central	Osmar Mensch, Júlio Fontana e Jaime Ledur
Unidade	13,30-17,00h	Escritório Central	Jorge A. da Conceição, Luiz Nerí Beschomer e Jaime Ledur
São José	9,00-12,00h	Mercado Andreatta	Jaime Andreatta, Elvio José Basso e Valmor Bagetti
São João da Boa Vista (Cafundó)	13,30-14,45h	Escola José do Patrocínio	Ernesto Strada, Dacio Davino Secchi e Valmor Gelatti
Esq. Santo Antônio	9,00-11,30h	Salão Paroquial	Claudio José Pascoal, Zenir Tissot e Francisco A. Gonçalves
São Roque	15,00-17,00h	Salão Paroquial	Adair Selvino Reck, Luiz Carlos Boff e Valmor Gelatti
São Pedro	13,30-17,00hs	Mercado São Pedro	Valdir Bernardi, Obiratan Luiz Tremea e Francisco A. Gonçalves
Rincão dos Machado	9,00-10,30hs	Cerealista Jóia	Setembrino Viana da Silva, Olmiro Machado e Edgar Sallet
Carajá	10,45-12,00hs	Escola Pólo	João de Deus Oliveira, Eratides F. de Oliveira e Edgar Sallet
São João Mirim	13,30-15-30h	Esc. Gonçalves Dias	Francisco Viana de Siqueira, Germinio João Somavila e Edgar Sallet
Potreirinho	9,00-11,00hs	Esc. Inácio Silva Jardim	Luiz Carlos Porre, Brasil Carneiro da Rosa e Samuel Ribeiro
Cará	13,30-17,00h	Mercado Walter Patias	Vanderlei Miguel Pillat, José Della Flora e Samuel Ribeiro



ROTEIRO

AJURICABA

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijui	9,00-17,00hs	Mercado	Amauri Romano Bortolini, Italo Bandeira e Claudio Eloy Lamb
Sindicato Trabalhadores Rurais	9,00-17,00hs	Sede	Jovani Dellaflora, Clementino Sperotto e Altivo Gasparini
Linha 28	9,00-17,00hs	Mercado Decal	Arnildo Guse, Rumiro Guering, e José Inocêncio
Pinhal	9,00-17,00hs	Mercado Ponto Certo	Dionildo Bandeira, Vitalino Francisoni e Edson Huber
Formigueiro	9,00-17,00hs	Mercado do Helvin	Helvin Matter, João Carlos Steurer e Edevir Kuschak
Linha 13	9,00-9,45hs	Escola Castelo Branco	Germani Wiegert, Jaime Sperotto e Elton Lohmann
Linha 15	10,00-12,00hs	Escola Luiz Fogliatto	Elemar Peruzatto, Ângelo Pretto e Elton Lohmann
Linha 14	14,00-15,30hs	Escola Marechal Rondon	Edgar Prauchner, Ervino Mobs e Elton Lohmann
Linha 15 - Tuiuti	16,00-17,00hs	Escola Tuiuti	Milton Oleiniczack, Onofre Kristoschik e Elton Lohmann
Linha 18	9,00-9,45hs	Capela Nossa Senhora da Paz	José Rigotti, Ademar Eickhoff e Ademar João Rosso
Linha 23	10,00-12,30hs	Capela São José	Laurício Gonzatto, Deniz Marino Torquetti e Ademar João Rosso
Linha 26 - Medianeira	14,00-15,30hs	Escola São	Lebrando Cossetin, Gelson José Corassa e Ademar João Rosso
Linha 27	16,00-17,00hs	Escola Souza Docca	Nelson Guerin, Francisco E. Dallabrida e Ademar João Rosso
Linha 29	9,00-10,15hs	Capela São Jorge	Verissimo R. Dallabrida, Carlos Dallabrida e Enio Ângelo Todeschini
Linha 30	10,30-12,00hs	Capela São Sebastião	Nelson Michelson, Evaldir Schaffel e Enio Ângelo Todeschini
Linha Seca	14,00-15,00hs	Escola Henrique Dias	Miguel Sapiezinski, Nelson Pomarenke e Enio Ângelo Todeschini
Esquina Umbu	16,00-17,00hs	Capela Santo Antônio	Adelar de Mello, Valmor Teixeira e Enio Ângelo Todeschini
Linha 24	9,00-9,45hs	Capela Sagrado Coração de Jesus	Gentil Zangirolami, Selvino Rotilli e Eno Luiz Ruppel
Linha 21 - Espinilho	10,00-12,00hs	Salão Kemp	Celvio Zangirolami, Isoel Toso e Eno Luiz Ruppel
Timbosal	14,00-15,00hs	Clube Ouro Verde	Breno Antunes dos Santos, Leonildo de Ávila e Eno Luiz Ruppel
Passo da Cachoeira	16,00-17,00hs	Escola D. João VI	Arnoldo Reinke, Neri Foguesatto e Eno Luiz Ruppel
Barro Preto	9,00-10,15hs	Clube Coríntians	Alexandre Uhde, Eugênio Poletto e Cláudio Ivo Setovski
1º de Maio	10,30-11,30h	Escola 1º de Maio	Odelon Willy Rader, Clóvis Paulo Peruzatto e Cláudio Ivo Setovski
Pranchada	14,00-15,00hs	Salão Comunitário	Silvino Bandeira, Albino Francisoni e Cláudio Ivo Setovski
Madeira	16,00-17,00hs	Capela N. S. Fátima	Augusto Dambros Filho, Valdemar Dambros e Cláudio Ivo Setovski
Linha 11	9,00-10,00hs	Capela N. S. Rosário	Vilson Porazzi, Selvino Porazzi e Renato Pilau

AUGUSTO PESTANA

NÚCLEOS	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijui	9,00-12,00hs 13,30-17,30hs	Mercado Mercado	Bruno Van Der Sand e Alberto Antônio Bauer José Mário Goergen, Sigmar Ami Drows e Leonir de Barros Sost
Rincão do Progresso	9,00-10,15hs	Escola	Oliver Sostmeyer, Luiz Angelo Ceribola e Valdir Goergen
Ponte Branca	9,00-10,15hs	Escola	Jerson Volnei Callai, Eloir Arenhardt e Jorge Schifer
Boca da Picada	10,30-11,30	Escola	Alfredo Wildner, Décio Simon e Valdir Goergen
Rincão dos Ferreira	9,00-10,15hs	Escola	Olávio Erno Hoerle, Hélio Ruppenthal e Jacinto Marsaro
Ijuizinho	10,30-11,30hs	Escola	Ilceu Rückert, Paulo Gilmar Renz e Jacinto Marsaro
Bom Princípio	9,00-10,15hs	Salão Comunitário	Ignácio Mallmann, Arnaldo Rhoden e Jorge Fensterseifer
Linha São João	10,30-11,30hs	Salão Comunitário	Ildo Juarez Mensch, Paulo Abraão Schneider e Jorge Fensterseifer
Linha Santo Antônio	9,00-10,15hs	Escola	Nelson Haas, Enio Beck e Marco Palharini
Esquina Renz	10,30-11,30hs	Escola	Waldir Walter, Harri Renz e Marco Palharini
Fundo Grande	9,00-10,15hs	Escola	Josemar Noll, Eldoir Sost e Alberto Rosseto
Fundo Alegre	10,30-11,30hs	Escola	Roberto Schunemann, Hardi Wille e Alberto Rosseto
Cambará	14,00-15,30hs	Escola	Valdemo Bernardi, Arno B. Ladwig e Marco Palharini
Paraíso	16,00-17,30hs	Salão	Vilmar Krüger, Hubert A. Drows e Marco Palharini
Formigueiro	14,00-15,30hs	Salão	Enir José Scarton, Raul Barbosa dos Reis e Alberto Rosseto
São Miguel	16,00-17,30hs	Salão	Ricardo Guiotto, Sadi Zardin e Alberto Rosseto
Rincão dos Klein	14,00-15,30hs	Escola	Jorge A. Matte, Meri E. Heuser e Valdir Goergen
Arroio Bonito	16,00-17,30hs	Escola	Edson Noll, Luiz J. Bauer, Valdir Goergen
Rosário	14,00-15,30hs	Escola	Alberto E. Arnold, Vilson Scarton, Jorge Schifer
Rincão Seco	16,00-17,30hs	Salão	Hortz Zolinger, Sighart E. Drows e Salette Steirnagel
Ponte do Ijuizinho	16,00-17,30hs	Escola	Darci O. Wrasse, Egon P. Heuser e Jorge Schifer
Esquina Gaúcha	14,00-15,30hs	Salão	Hélio Helbich, José Valdir Mainardi e Jacinto Marsaro
Rincão dos Müller	16,00-17,30hs	Salão	Oldemar Schneider, Aldino H. Mattes e Jacinto Marsaro
Marmeleiro	14,00-15,30hs	Salão	Otmar Reisdorfer, Lauri Jandir Haas e Jorge Fensterseifer
Rincão Comprido	16,00-17,30hs	Salão	Ademir Trema, Antenor Rech e Adelino dos Santos
Linha Progresso	16,00-17,30hs	Salão	Adelar Marcks, Alidio Posselt e Jorge Fensterseifer

DOM PEDRITO

NÚCLEO	HORÁRIO	LOCAL	MESÁRIOS
Cotrijui	9,00-12,00hs 13,30-17,00hs	Escritório Central	João Michelena Martins Francisco do Amaral Machado
Sindicato Rural	9,00-12,00hs 13,00-17,00hs		Gaspar Bueno de Moura Gratulino Rodrigues Duarte
Sucessão dos Moraes	14,00-15,00hs	Escola	Josué Dalmaso e Erlei Dambros
Campo Seco	14,30-13,30hs	Bolicho do Leomar Leite	Rubens Lima Barcelos e Odete Montardo
Bolicho da Pedra	15,30-16,30hs	Escola	Josué Dalmaso e Erlei Dambros
Taquarembó	14,00-15,00hs	Residência do Elonir Severo	Elonir Severo e Marcelo Pasinato
Fontouras	14,00-15,30hs	Escola	Sabino Moro e Laoni Zancan
Taquarembó	16,00-17,00hs	Bolicho do Adão	Elonir Severo e Marcelo Pasinato
Ponche Verde	14,30-15,30hs	Obelisco/Escola	Paulo Roberto Tarpuco Care e Maurício Bohn

Nesta eleição, 10 mil 353 associados estão habilitados a votar, representando 78,32 por cento do total. Pela primeira vez, as mulheres poderão votar em substituição ao marido ou parceiro, desde que o mesmo tenha feito o ajuste necessário na sua matrícula.

AGRICULTURA

Proposta de fortalecimento

FAO e governo brasileiro querem propostas para uma política pública de fortalecimento a agricultura familiar

O agricultor familiar é o maior empresário que existe. Administrar uma pequena propriedade, de 30 hectares, é algo extremamente complexo e difícil. A conclusão é do professor de Economia da Universidade de São Paulo, José Eli da Veiga. O professor e outros três economistas integram uma equipe contratada pela FAO, em convênio com o governo brasileiro para, a partir de uma análise da situação da agricultura familiar brasileira, traçar propostas de políticas públicas que permitam o seu fortalecimento.

José Eli esteve em Ijuí, onde manteve contatos com a direção da Cotrijuí e visitou algumas pequenas propriedades. Na Unijuí, visitou o Centro de Ciências Agrárias. Os demais integrantes da equipe estão percorrendo outras regiões do país, analisando questões como a Reforma Agrária, a problemática da agroindústria - "é preciso descobrir que tipo de política agroindustrial pode favorecer a agricultura familiar", assinala - e a política de preços mínimos e de crédito.

As conclusões do trabalho - "não vamos nos deter em apenas fazer análises" - e as propostas sugeridas pela equipe serão entregues ao governo brasileiro até fins de abril, "a quem cabe aproveitá-las ou não", explica. O trabalho dos professores da USP vai identificar os problemas mais comuns. A partir desta identificação, serão traçadas propostas políticas capazes de contemplar não apenas a agricultura familiar praticada no Sul, mas também a do Nordeste, a do Norte e a do Centro-Oeste, com todas as suas particularidades. José Eli acredita que os agricultores que trabalham em regime de agricultura familiar e que já conseguiram se viabilizar, não vão necessitar deste apoio político com a mesma intensidade que aqueles que vêm apresentando problemas. "São agricultores que, de uma maneira geral, já se encontram com um nível de capacidade de produção e de renda que lhes permitem competir com o agricultor patronal", observa, sem deixar de reconhecer, no entanto, que grande parte dos agricultores brasileiros que trabalham em regime familiar têm problemas, "inclusive para conseguir sobreviver". Até acredita que, se nada for

feito no sentido de viabilizá-los, muitos destes poderão ter que deixar a agricultura.

NOVA LEI - Entre os problemas já identificados e que precisam de atenção urgente por parte do governo, José Eli coloca a questão dos arrendamentos. "O Brasil precisa de uma nova lei de arrendamento", afirma categórico, referindo-se aos problemas gerados em função dos prazos e dos esgotamentos promovidos no solo. Classifica a lei atual de absurda por não oferecer nenhuma segurança ao arrendatário e por levá-los, "em função do prazo que é pequeno e nem sempre cumprindo", a não investir na terra. O resultado é o esgotamento total do solo. "É mais ou menos o que os gaúchos estão fazendo no sul do Maranhão", exemplifica.

Em países desenvolvidos, o prazo de arrendamento vai de nove a 25 anos, e a regulamentação existente impede que o proprietário, "mesmo por ocasião do vencimento do contrato", possa pedir a terra de volta. Segundo José Eli, o produtor europeu, por exemplo, só pode pedir a sua terra de volta se conseguir provar que vai explorá-la ou então entregá-la a um filho que seja técnico agrícola.

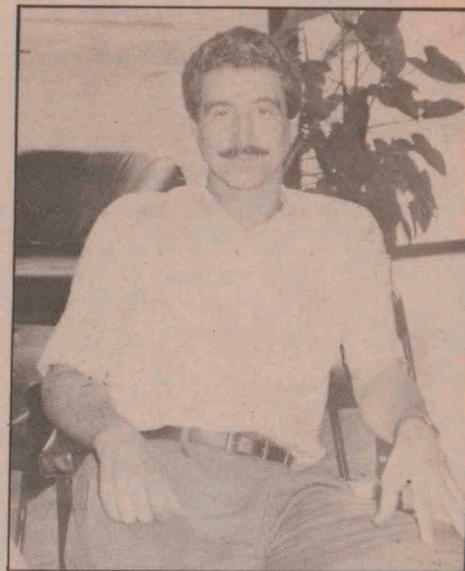
A questão da sucessão é outro problema que vem sendo avaliado pelo professor da USP com muita profundidade. "É um problema que tem muito a ver com esta região do Estado", diz ele lamentando não existir no Brasil uma política que contemple o jovem que quer continuar trabalhando na agricultura. A terra que recebe do pai é pouca e ele não tem recursos para ampliá-la. O sistema de produção não pode ser mudado e nem as instalações modernizadas por falta de uma política dirigida ao jovem. Mas segundo José Eli, estes problemas e tantos outros na mesma ordem, só terão solução na medida em que o governo criar um sistema de crédito que contemple a propriedade como um todo, e "não algumas atividades específicas".

FLORESCENTE - José Eli começou o seu trabalho de investigação da situação da agricultura familiar brasileira pelo Sul por entender ser esta a única região onde realmente existe uma agricultura familiar florescente. "O que existe de

agricultura familiar no Brasil, com algum sucesso, certamente está no Sul", conclui, colocando como prova a exportação deste tipo de agricultura para outras regiões e países. Diz que no Paraguai, grande parte da produção agrícola é feita por brasiguaios, que na verdade são ex-gaúchos. A agricultura do oeste catarinenses, de certas regiões do Paraná e no Sul do Maranhão, sofreram o mesmo processo e tem a mão de ex-gaúchos. Junta a esta razão, o grande capital humano que é identificado na região Sul.

Situa esse capital humano como resultado do trabalho que vem sendo feito pelas cooperativas. "O grau de assistência técnica, de informação e de treinamentos que vêm sendo feitos pelas cooperativas gaúchas em sua maioria, tem sido fundamental para a viabilização dos pequenos produtores", garantiu. Nas avaliações que já andou fazendo José Eli pode constatar que o mesmo grau de análises das questões referentes a própria situação da agricultura ou tentativas de enfrentamento dos problemas não é encontrado em regiões onde não existem cooperativas ou onde elas são pouco atuantes.

COMPLEXIDADE - "Somente quem não conhece uma propriedade tocada por uma família, pode não perceber a complexidade do trabalho de administrá-la e torná-la eficiente", afirma, destacando que em alguns países desenvolvidos, como os Estados Unidos, Canadá, Japão, entre outros, só ficou na agricultura o agricultor familiar. As grandes empresas agrícolas, conhecidas no Brasil como patronais de-



José Eli da Veiga

sapareceram com o tempo. O grande problema da agricultura familiar no Brasil, na opinião do professor, reside no fato de ser pouco profissionalizada "e isso por culpa da própria sociedade, extremamente conservadora e que não valoriza esse tipo de agricultura". Lamenta que a sociedade continue desprezando esse grande capital humano e defende a necessidade do Brasil mudar essa imagem. "O Brasil precisa mudar a imagem que a sociedade já urbanizada, tem do tipo de agricultura que pratica".

Na sua defesa em prol da agricultura familiar, José Eli diz que é ilusão acreditar que o futuro da agricultura brasileira está nas propriedades de cana-de-açúcar de São Paulo, "onde vivem os bóias-frias sub-assalariados". O futuro da agricultura brasileira está justamente no tipo de agricultura que é praticada nesta região do Estado", adiantou, deixando bem claro, no entanto, que também já está comprovado que só teve ou está tendo sucesso, aquele agricultor que está atento, que procura se informar e participa de treinamentos.

COTRIJUÍ

Mais um troca-troca

Produtores de leite poderão trocar produto por insumos, medicamentos veterinários e gêneros alimentícios

A Cotrijuí está colocando à disposição dos seus associados produtores de leite, mais um programa de troca. Desta vez o produtor vai poder trocar produto por mercadorias. Reivindicação do Conselho de Produtores de Leite, o programa vai possibilitar que o produtor adquira nas Lojas Cotrijuí, as mercadorias necessárias para a propriedade e pagá-las com produto. "É mais uma opção que a cooperativa está oferecendo para que os produtores de leite possam adquirir os insumos necessários para tocar a atividade", afirma o gerente de Abastecimento da Cotrijuí, Auri Boff. Dentro do novo programa de troca, o produtor de leite poderá comprar todos os produtos que as Lojas Cotrijuí oferecem, "desde os veterinários até gêneros alimentícios", explica melhor Auri, aconselhando o produtor interessado a consultar, antecipadamente, calendário específico das datas de compras e de pagamentos. Maiores explicações, também poderão ser obtidas junto às gerências das Unidades.

O crédito a ser liberado para as compras - de responsabilidade do Comitê de Crédito - ficará limitado a 50 por cento da entrega de leite do mês anterior. As compras também não poderão ser superiores a 50 por cento da entrega física de leite do mês anterior e nem inferiores ao comprometimento correspondente a 60 litros de leite. O pagamento será feito em parcela única, a ser descontado da entrega do mês em que foi realizada a compra.

PEÇA POR SOJA - A exemplo do que ocorreu no ano passado e com excelente aceitação pelo quadro associativo, a Cotrijuí está repetindo, neste ano, seu programa de aquisição de peças e óleo por soja, para pagamento na safra. Isso significa que o associado que estiver pensando em revisar ou reformar seu maquinário antes da colheita, poderá financiar a aquisição das peças necessárias nas Lojas Cotrijuí e pagá-las com soja. Para ter direito a este tipo de financiamento, no qual vai trocar peças e óleo por soja, o produtor terá de gastar um valor superior a 10 sacos de soja.

Os produtores que estiverem interessados neste tipo de financiamento poderão obter maiores informações no balcão de atendimento de sua respectiva Unidade.

CONTROLE BIOLÓGICO

Eficiente e de menor custo

O controle biológico é a melhor prática para combater as pragas da lavoura. A afirmação foi feita pelo pesquisador da Embrapa de Passo Fundo, Dirceu Gassen durante palestra a produtores de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana. Gassen esteve na região a convite da Cotrijuí, para conversar com agricultores sobre Controle de Pragas através do uso de recursos Biológicos.

Para o pesquisador da Embrapa de Passo Fundo está na hora do produtor substituir os produtos químicos "e que agridem a natureza", por recursos naturais do próprio ambiente, mesmo no combate as pragas, "como é o caso da lagarta da soja", e que ameçam a produção. O uso de produtos químicos acaba eliminando os predadores naturais da lagarta da soja e que existem no ambiente, como os marimbondos, fungos e vespas. "Se o produtor optar pelo controle natural e usar o baculovírus, está tendo a certeza de que vai

acabar apenas com a lagarta, resguardando os demais inimigos naturais", assinalou Gassen, esclarecendo, no entanto, que o uso do vírus tem eficiência de 100 por cento em casos onde existam até 10 lagartas por metro quadrado. Ataques violentos, com mais de 40 lagartas por metro quadrado, exigem controle com produto químico, avisou.

ACOMPANHAMENTO - Um acompanhamento constante da lavoura e do desenvolvimento da soja, "com pelo menos duas visitas por semana", facilita o produtor a detectar a presença de lagartas em tempo de usar o controle biológico. Mas segundo Gassen, a melhor receita é o produtor combinar o uso de inimigos naturais no combate às pragas com plantio direto. "As culturas servem de abrigo para determinados predadores naturais que poderão ajudar na eliminação das pragas das culturas subsequentes", aconselhou.

PISCICULTURA

Um açude não é uma poça d'água

Construir um açude requer o uso de tecnologia, especialmente para quem quer produzir peixes com qualidade e fazer da piscicultura uma atividade eficiente

Os açudes utilizados principalmente como bebedouros para o gado, irrigação, abastecimento de água na sede, produção de energia, entre outras utilidades, são indispensáveis em qualquer propriedade de produção agropecuária. Entretanto, dificilmente estes açudes produzem peixes de qualidade, quer pelas suas características inadequadas à piscicultura, quer pela utilização de espécies sem valor comercial ou pelo desconhecimento das técnicas indispensáveis para o bom êxito da criação. A afirmação é do Supervisor de Piscicultura da Cotrijuí, Walter Garcia procurando levar ao produtor alguns conceitos a serem observados.

Ao explicar os itens necessários para a construção do local onde serão colocados os peixes da criação, e que formam o ambiente aquático o Walter diz que, na verdade, eles servem para definir a mesma coisa. Porém, em piscicultura tecnicada, cada reservatório tem uma definição diferenciada, "conforme o sistema de cultivo utilizado".

O QUE É UM AÇUDE - Segundo o Supervisor de Piscicultura da Cotrijuí, o Departamento de Obras contra as Secas - DNOCS - define como barragem de terra ou "açude" na linguagem comum do homem do campo, ao represamento da água de um rio, riacho, vertente ou córrego com utilização exclusivamente de terras - barro ou argila. Estas terras precisam estar convenientemente compactadas ou apiloadas, em camadas colocadas uma sobre a outra, até atingir a altura desejada.

Define um tanque de terra como uma massa de água com pouca profundidade, "geralmente construído artificialmente por meio de escavações e construções de diques". Estes tanques são usados para o cultivo de diversas espécies de peixes, onde serão alimentados por procedimentos naturais ou artificiais. Estes tanques devem ser desenhados de forma que o nível de água possa ser controlado.

Por viveiro, "em aquicultura", explica ser uma coleção circunscrita de água, com o objetivo de criar ou cultivar peixes, camarões, ostras, entre outros. Ele é artificialmente construído com características favoráveis para manter o ciclo biológico da água e, conseqüentemente, a produção massiva de organismos necessários para a alimentação natural das espécies.

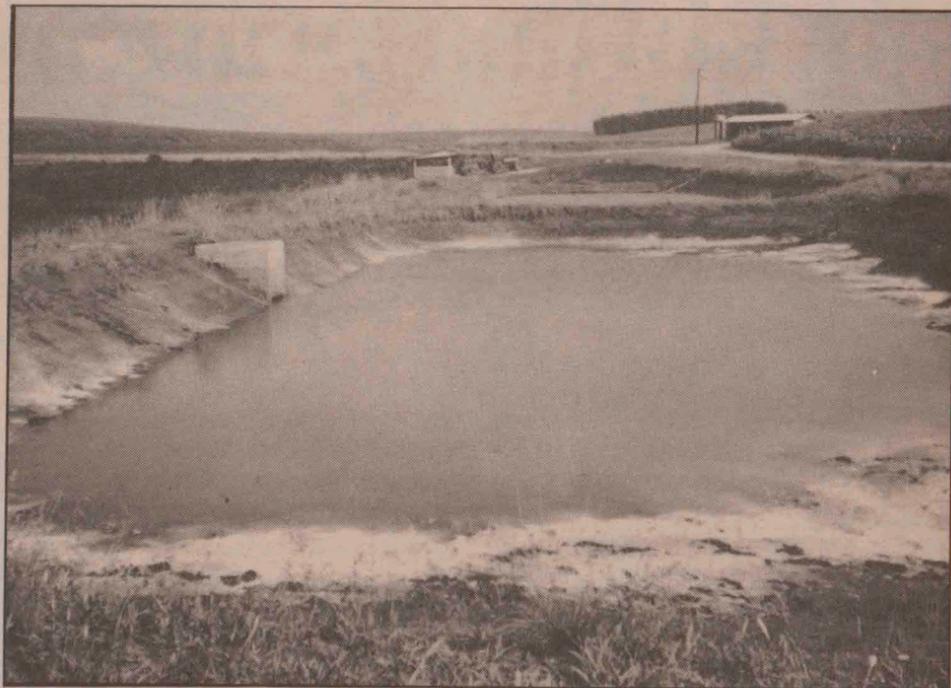
AMBIENTES - Os açudes, tanques e viveiros - considerados águas paradas - apresentam, de acordo com o Supervisor de Piscicultura da Cotrijuí, três ambientes aquáticos a serem povoados com diferentes grupos e espécies de seres vivos. Divide estes ambientes em faixa do talude, coluna da água e fundo.

"O talude é ocupado pelas plantas emergentes e algumas vezes pelas plantas

submersas", explica o Walter. Nestas plantas vivem uma infinidade de diferentes insetos, moluscos e algas filamentosas. As pós-larvas e alevinos - primeiros estágios da vida de um peixe - também preferem estes ambientes.

Mas é a coluna da água o mais importante ambiente de vida nos viveiros, pois é onde vivem os membros do fitoplâncton. De acordo com o Walter, é nesta coluna que se verifica a produção biológica que resultará no crescimento e produção dos peixes. Diz que dentro de um litro de água retirada de um produtivo viveiro, vivem milhares de algas e rotíferos e centenas de crustáceos. O plâncton de viveiros produtivos e férteis renova-se continuamente. "Uma parte é consumida pelos peixes e a outra morre, dando lugar aos jovens que procriam e nascem ininterruptamente até que as condições de produção, tais como luz, materiais básicos, alimentos, oxigênios, estejam disponíveis", explica dizendo ainda que os peixes de cultivo também vivem e recolhem alimentos na coluna d'água.

O fundo também é importante ambiente de vida nos viveiros, pois é onde as plantas e animais mortos sedimentam-se, "enriquecendo o lodo com materiais orgânicos comestíveis". O Walter explica que estes materiais são fontes de alimentos para os peixes lodófagos, como o grumatã, por exemplo, ou para os vermes - minhocas -, larvas de quironomídeos e efemerópteros, "estes últimos, muito procurados pelas carpas que remexem o lodo".



Açudes

O uso de tecnologia na construção é fundamental para a eficiência da atividade

Na superfície do lodo vivem os caracóis e larvas de insetos - cheoborus -, "importantes na alimentação do tambaqui", um serrasalmídeo que vive na bacia do Rio Amazonas e que é muito parecido com o nosso pacu e que pertence a bacia do Rio Paraná.

FATORES ESSENCIAIS - O Walter coloca, como essenciais na construção de açudes e viveiros, a água e o solo. Ele começa falando do solo, que deve ser argiloso ou argiloso-silicoso, por sua baixa permeabilidade. Diz que os solos argilosos-silicosos são os preferidos por apresentarem-se mais férteis e menos ácidos. Também pode ser usado, neste caso, um solo não utilizado na agricultura, "desde que não seja arenoso". A única exceção refere-se àqueles solos onde existe, no máximo a 30 ou 40 centímetros de profundidade, uma camada impermeável, como a argila. O solo arenoso é extremamente permeável. Ou seja, não retém a água e a impermeabilização só é viável em se tratando de pequenos tanques. Em caso contrário, o investimento torna-se muito elevado.

Como a melhor água a ser utilizada no abastecimento de um tanque piscícola,

o Walter sugere aquela proveniente de um pequeno riacho. Explica que a água deve abastecer o tanque sempre por gravidade "e nunca com o auxílio de bombas. A circulação da água dentro da bomba destrói o plâncton, tornando-se estéril, "comprometendo assim o desenvolvimento dos peixes", alerta. Pelo mesmo motivo, não recomenda abastecer um tanque ou viveiro com água de poços.

Outra recomendação do Walter: o volume da água a ser utilizado no abastecimento de um tanque deve ser medido pelas necessidades de enchimento do tanque e controle das perdas por evaporação e infiltração. "Além disso, uma boa vazão favorece a renovação e, conseqüentemente, a oxigenação da água", afirma.

A forma, a profundidade, o tamanho e o tipo de abastecimento do tanque dependem da topografia ou da forma do terreno - se plano, acidentado, ondulado, montanhoso, entre outros. Também influi a declividade, "que deve ser considerada tanto no sentido longitudinal como transversal. E é obtida observando-se quando um terreno decai regularmente em um determinado espaço", ensina ainda o Walter.

CORTE LONGITUDINAL DE UM TANQUE INDICANDO AS PARTES PRINCIPAIS

DI = Declividade Interna

Ad = Altura do dique

t = tela

DE = Declividade Externa

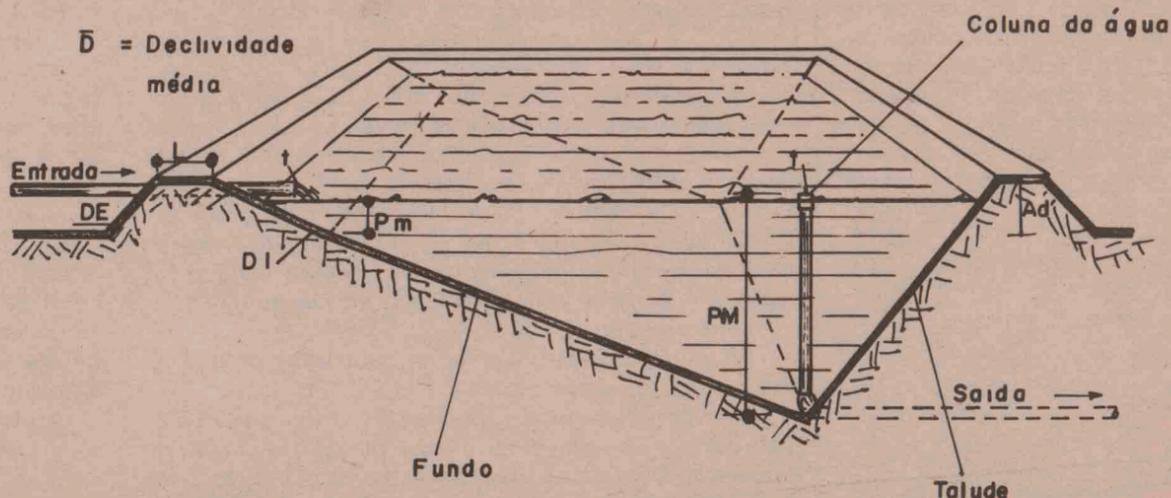
Pm = Profundidade mínima

$$\frac{DI + DE}{2} = \bar{D}$$

L = Largura da taipa

PM = Profundidade Máxima

\bar{D} = Declividade média



O kiwi na prática

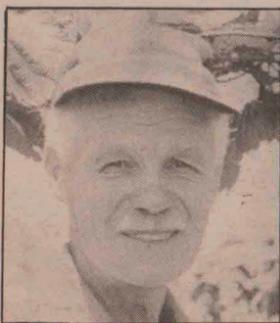
O kiwi, esta frutinha de nome excêntrico expandiu-se pela serra gaúcha, mas continua pouca conhecida na região. Na Vila Santo Antônio, o seu Joaquim Lorenzoni, um tradicional produtor de uvas resolveu aderir ao cultivo do kiwi e espera, agora, a primeira colheita para fazer uma avaliação do investimento feito

De tanto ouvir falar no tal de kiwi, o seu Joaquim Lorenzoni, um fruticultor experiente e com tradição no cultivo da uva, resolveu, há cerca de três anos atrás, dar uma olhada nesta frutinha de nome tão excêntrico e que vinha fazendo sucesso entre os produtores da serra gaúcha. As notícias que saíam nos jornais e na televisão mostraram ao seu Joaquim o caminho do kiwi no Estado: Farroupilha. De chegada, viu que tudo era muito mais bonito do que imaginava ou que a televisão mostrava. "Fiquei entusiasmado com o que vi", relembra ainda hoje. Em Farroupilha visitou pomares e conversou com produtores já experientes no cultivo do kiwi.

Em poucos meses, seu Joaquim já estava com a área, de um hectare, pronta para receber as primeiras mudas e introduzir o kiwi na região. "O investimento foi alto", reconhece, pois teve que colocar na área um sistema de irrigação, já que a planta é exigente em termos de consumo de água. De Vila Santo Antônio, interior de Ijuí, onde mora e é proprietário de 16,5 hectares de terra, voltou a Farroupilha para buscar as mudas. Trouxe 300 e mais algumas para conhecidos. Mas diz que destes, o que mais arriscou, plantou oito mudas. Os demais plantaram no máximo, cinco mudas. Neste primeiro plantio, "pela falta de experiência e conhecimento", usou espaçamento de 4,5 metros entre linhas por três metros entre plantas na linha.

NOVO ESPAÇAMENTO - Em maio de 1993, o seu Joaquim completou a área colocando mais 150 mudas, "todas elas feitas na propriedade". No segundo plantio mudou o espaçamento, "pois aprendi que as plantas não precisam ficar tão pertos umas das outras. O espaçamento utilizado foi de 6 metros entre linhas por 4,5 metros entre plantas na linha. Com um total de 560 mudas, o produtor espera fazer a primeira colheita em abril de 1995, "que sempre é pequena", diz ele apostando, no entanto, na segunda safra que sempre é maior e a produção pode chegar a 2.000 frutas por pé".

Sem motivos para arrependimentos, "pois alguém tem que começar", seu Joaquim está vendo no kiwi mais uma alternativa de diversificação a juntar-se a uva - ele cultiva em torno de 5.000 pés de uvas -, a soja, ao milho, a suinocultura, ao leite e as pastagens no inverno. Diz que está consciente dos riscos, especialmente no que se refere a clima, "diferente daquele que ocorre na serra", mas ainda assim, acha que o produtor precisa correr riscos até encontrar as alternativas de diversificação que estejam dentro da realidade da sua propriedade e que, no final das contas, proporcione ao produtor retorno econômico. A experiência no cultivo da



Joaquim Lorenzoni

uva faz com que ele não se torne tão vulnerável aos riscos da nova cultura.

FALTA TECNOLOGIA - O que tem deixado o seu Joaquim um pouco preocupado é a falta de tecnologia para o kiwi. "O produtor tem que arriscar e aprender por conta", queixa-se ele. A preocupação do produtor é endossada pelo Supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuí, o João Agostinho Boaro. "As informações que existem a respeito desta espécie vêm de outras regiões", concorda o engenheiro agrônomo pedindo uma certa cautela quanto a algumas conclusões a respeito de cultivares, manejo e produção. No Centro de Treinamento da Cotrijuí vem sendo feitos trabalhos de avaliação com as cultivares existentes. "A avaliação final destas cultivares vai nos dar certeza do comportamento desta espécie em nossa região", ressalta Boaro alertando para possíveis riscos, especialmente para quem não é fruticultor e deseja cultivar o kiwi.

A cultivar Bruno é a mais plantada pelo seu Joaquim, mas ele plantou, também, um pouco da Monty, Alisson e



Kiwi

560 mudas numa área de um hectare

Abbott. "Estou fazendo experiências com todas elas para ver qual delas melhor se adapta as condições de clima da região", explica, se preparando para, em abril, voltar a Farroupilha para ver de perto uma colheita. Está será a sexta viagem do seu Joaquim a Farroupilha. "É de lá que vem toda a tecnologia que está sendo aplicada no meu pomar de kiwi".

SONHO COM A CEASA - Assim como outros produtores de hortigranjeiros, o seu Joaquim também sonha com a instalação da Ceasa em Ijuí. "Foi de olho na Ceasa que me larguei no cultivo do kiwi", diz ele que também vem apostando numa mercado promissor. "O mercado é bom, mas vou precisar de apoio na hora da armazenagem do produto", salienta em

alusão ao fato do kiwi, depois de colhido, ter de ficar estocado em câmaras frias.

Mais cauteloso, João Boaro diz que é preciso ter consciência das possibilidades, exigências e riscos do mercado. Até acredita que, a médio prazo, o mercado continuará favorável em função da oferta de produto. Mas lembra que uma boa comercialização do produto depende também da organização da produção. Essa organização passa pelo estabelecimento de canais para escoamento e estrutura física, como câmaras frias para armazenar o produto", explica. O armazenamento em câmaras frias, além de conservar o produto possibilita que o produtor possa ampliar e modificar o período de oferta.

Preocupação com o cultivo

João Agostinho Boaro

*Kiwi ou quivi é a denominação dada a fruta da planta **Actinidia chinensis**, uma espécie com importância econômica em vários países do mundo. É encontrado, ao natural numa grande área da China, sobretudo nas matas de Yangtse-Ching, de onde saiu rumo a Nova Zelândia em 1900. Na Nova Zelândia sofreu seleções, dando origem, desta forma, as cultivares que atualmente vem sendo cultivadas em vários países do mundo.*

O primeiro cultivo comercial do Kiwi ocorreu há cerca de 50 anos atrás, mas a grande expansão ocorreu na década de 70, quando se espalhou pela Europa, Estados Unidos e mais recentemente na América do Sul. Na Nova Zelândia, a produção anual atual chega a 300 mil toneladas. A França produz 90 mil toneladas; a Itália 60 mil toneladas; os Estados Unidos, 54 mil toneladas; o Japão, 45 mil toneladas e o Chile 20 mil toneladas.

Mas é do Chile que vem a maior produtividade, colhendo em torno de 40 mil toneladas por hectare do produto. O Chile ainda se caracteriza como grande exportador de kiwi, especialmente para os Estados Unidos, onde a produção ocorre em época diferente. No Brasil, o kiwi chegou pelas mãos de Leon Boaventura. De Campos do Jordão, interior de São Paulo, onde inicialmente foi cultivado, desceu para o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, na região da serra.

Na região, área de ação da Cotrijuí, alguns produtores começam a mostrar interesse no cultivo do kiwi. Esse interesse vem do bom resultado comercial obtido até então, do bom desempenho da produção em regiões como a serra gaúcha e do mercado comprador favorável. Mesmo diante destas constatações, é importante que o produtor estude com profundidade o assunto antes de optar pela implantação de um pomar de kiwi na sua propriedade. Ele precisa estar consciente dos riscos que corre.

Pontos que o produtor interessado em plantar kiwi precisa avaliar com cuidado:

● **clima** - é uma espécie de clima frio, exigindo determinado número de horas de frio para que ocorra quebra de dormência. Dependendo da cultivar, tornam-se necessários de 400 a 600 horas, com temperaturas abaixo de 7,2°C para

que ocorra uma boa brotação e produção. Na nossa região, algumas destas cultivares podem apresentar problemas pela ausência de temperaturas baixas.

● **quebra-ventos** - as folhas possuem estômatos grandes e em números elevados, razão pela qual tornam-se bastante sensíveis ao vento que provoca elevada perda de água e secamento. O produtor pode evitar futuros prejuízos instalando quebra-ventos com antecedência de dois a três anos.

● **solo** - é uma planta com raízes de pouca profundidade - pouca capacidade de penetração -, dando preferência para solos menos argilosos e com boa estrutura física - matéria orgânica. Nas condições de nossa região, o produtor precisa se valer de uma boa quantidade de matéria orgânica, já que os nossos solos são bastante argilosos.

● **irrigação** - necessária para que o produtor obtenha sucesso econômico com o pomar. A irrigação se torna necessária em função da ocorrência da grande transpiração das folhas e pelas características do sistema radicular da planta.

● **escolha da cultivar** - existem cinco cultivares principais - Hayward, Bruno, Monty, Alisson e Abbott. Todas elas possuem características diferenciadas quanto ao formato e tamanho do fruto e às exigências climáticas. Na escolha da cultivar é preciso muito cuidado, pois algumas delas podem não apresentar um bom desempenho na região devido a condição de pouco frio. Este é o caso da cultivar Hayward, por exemplo, que é muito exigente em termos de temperaturas baixas, e ainda não se sabe se teria um bom comportamento nas condições existentes na região, embora se trate de uma das mais preferidas pelo mercado. Além das cultivares produtoras, o produtor precisa introduzir no pomar, cultivares polinizadoras, como a Matau e a Tomuri.

● **instalação do pomar** - o kiwi é uma espécie trepadeira de uma longevidade muito grande, podendo ultrapassar os 50 anos. A produção pode chegar até 1.000 frutos por planta. Estas características requerem, portanto, uma estrutura de sustentação robusta e de longa durabilidade, o que significa alto investimento inicial. O sistema de condução predominante é o tipo latada, a exemplo do que se faz com a videira..

Literatura consultada: Santos, A. M. Horti Sul, Vol. 1 n° 2/1990

João Agostinho Boaro é Supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuí

Fertilização das lavouras

Um assunto que deve ser tratado com a merecida importância pelos produtores

Adão Acosta

Todas as práticas de manejo nas lavouras são complementares entre si. Ou seja, não adianta dar mais atenção a um determinado segmento, como por exemplo, escolher uma variedade produtiva, e descuidar da densidade da sementeira. Não funciona. Existem ainda práticas que exigem muita rapidez na tomada de decisão pelo produtor, como é o caso do controle de doenças. Porém, existe uma prática que pode ser pensada por um bom período antes da implantação da lavoura, que pode ser monitorada com facilidade e para a qual o mercado oferece uma ampla variedade de opções. Assim é o manejo da fertilidade do solo.

Diante da necessidade de incremento na produtividade de grãos, a demanda por fertilizantes e corretivos deverá estar ajustada em cada propriedade. Embora não tenhamos dados precisos e ainda não saibamos a real variação em torno da média de consumo de adubo na região, sabe-se que este é ainda muito baixo. Sem crescimento consistente no consumo de fertilizantes, frente as retiradas de nutrientes que as produtividades elevadas requerem, fica difícil aumentar o teto de produção das nossas principais culturas, mesmo considerando o aumento nas rotações e um melhor cuidado com as demais práticas culturais.

ANÁLISE DE SITUAÇÃO - Tomando por base um estudo realizado em 1982, com 760 análises de solo provenientes das Unidades, da Cotrijuí confrontado com idêntica metodologia em 1992, foi possível traçar um perfil genérico da fertilidade dos nossos solos. Evidentemente há riscos em inferências desse tipo, mas de qualquer maneira, é uma forma de verificarmos a adoção das nossas recomendações. Vários programas de correção do solo foram implementados nesse período, mas na verdade, a ênfase de adoção pelos produtores foi o calcário. O consumo de fósforo e potássio, por exemplo, não teve incremento correspondente.

O quadro 1 mostra que tivemos sucesso revertendo a situação do pH na região. Mas o mesmo não pode ser dito em relação ao fósforo, potássio e matéria orgânica, cujos teores desejáveis diminuíram no período de 10 anos.

pH	P		K		Mat. Org.						
	1982	1992	1982	1992	1982	1992					
<5.5	66.1	26.9	<6	58.6	75.6	<60	26.7	32.5	<2.5	14.6	11.8
<6.0	24.6	31.7	<9	18.6	14.3	<80	17.4	17.8	<5.0	77.5	11.8
>6.0	9.3	41.4	>9	22.8	10.1	>80	55.9	49.6	>5.0	7.9	3.0

Fonte: DHEIN, 1982 e ACOSTA, 1992

O QUE PODE MUDAR NA PRÁTICA DE ADUBAÇÃO - Os conceitos clássicos da adubação sempre colocam a importância da deposição do adubo ao lado e abaixo das sementes, onde teoricamente há disponibilidade ideal para as plantas, no caso de adubos prontamente solúveis, e onde há prevenção contra as perdas por lixiviação. Isto decorre, em parte, do tipo de absorção dos nutrientes pelas culturas, conforme é possível analisar no quadro 2. Nota-se claramente que a difusão é a principal via pela qual o fósforo

e o potássio são absorvidos e que, portanto, sua localização num raio próximo as raízes é crucial.

ELEMENTO	% fornecida por		
	Interpretação(1)	Fluxo da massa (2)	Difusão (3)
N	1,2	98,8	0,0
P	2,9	5,7	91,4
K	2,3	20,0	77,7
Ca	171,4	428,6	0,0

1) Encontro do nutriente pela raiz, a medida que esta se desenvolve Com movimento de água do solo para a raiz - 3) Movimento de nutriente da maior para menor concentração no solo
Fonte: LOPES e GUILHERME, 1990

Está havendo, no entanto, demanda para outro tipo de adubação, especialmente em condições de plantio direto. Nestas condições, a manutenção da palha e a atividade maior da microfauna do solo favorecem práticas distintas de adubação, privilegiando as adubações de superfície com fosfatos naturais, DMAP e cloreto de potássio, em detrimento de formulações NPK, por exemplo.

Uma das possíveis razões para o que está ocorrendo estaria aliada a microbiologia do solo que permitiria a mineralização lenta e gradual dos resíduos orgânicos. Estes estariam repondo parte dos nutrientes extraídos pelas culturas, incrementando a concentração dos nutrientes na camada mais superficial - de 0 a 5 cm (Sa, 1993) -. Observações de lavouras em nossa região, ainda no início do plantio direto, podem ser encontradas no Quadro 3. Em função do acompanhamento que a Cotrijuí pretende dar às áreas de plantio direto, através do pesquisador Rivaldo Dhein, poderemos ter novidades quanto à recomendações de adubação, uma vez que estas áreas estão articuladas com o Projeto Metas, que vai monitorar, a cada safra, as alterações na fertilidade destas áreas.

Outra importante demanda, a se registrar a partir do aumento do plantio direto, está ligada ao nitrogênio fornecido às gramíneas. Neste caso, a palhada tem uma alta relação carbono/nitrogênio, necessitando de mais nitrogênio para a sua decomposição, provocando carência na cultura - o milho é um exemplo -, implantada sobre a cobertura - de aveia, por exemplo. Sá (1993) tem conseguido resultados excelentes, com doses entre 20 e 30 quilos

por hectare de nitrogênio no momento da sementeira - ao lado e abaixo das sementes. Com isto, formulações mais fortes em nitrogênio - com 7 ou 8 por cento de nitrogênio - podem ter boa aceitação entre os associados da Cotrijuí.

MICRONUTRIENTES - Ainda no levantamento inicial dessas áreas de plantio direto, também foi observado que não parece haver deficiências notáveis de micronutrientes. Isto reforça um tipo de recomendação onde se deve usar resultados conjuntos de análise foliar e de solo, só aplicando nutrientes onde for necessário e em dosagens adequadas, buscando desta forma, atingir níveis específicos de produtividade. Hoje estamos nos preocupando

em avaliar o zinco no milho. Os resultados deste trabalho serão brevemente publicados para avaliação dos produtores.

PLANEJAR CEDO - Segundo constatações de Homem de Mello (1993), ocorreu, nestes últimos cinco anos, uma redução de 27,2 por cento nos preços reais dos fertilizantes. Essa redução vem ocorrendo em função de vários fatores: redução nas tarifas de importação, queda dos preços no mercado internacional, e ganhos de produtividade e redução de custos nas indústrias de

fertilizantes - ver quadro 4. De certa forma, esta situação ainda perdura no início deste ano, configurando-se, portanto, um bom momento para aquisição de fertilizantes.

A Cotrijuí está preparada para acompanhar estas mudanças, embora sem perder de vista muitos produtores que ainda não fazem o essencial. Portanto, inovando ou não, fazendo plantio direto ou não, o fundamental é que o produtor possa se

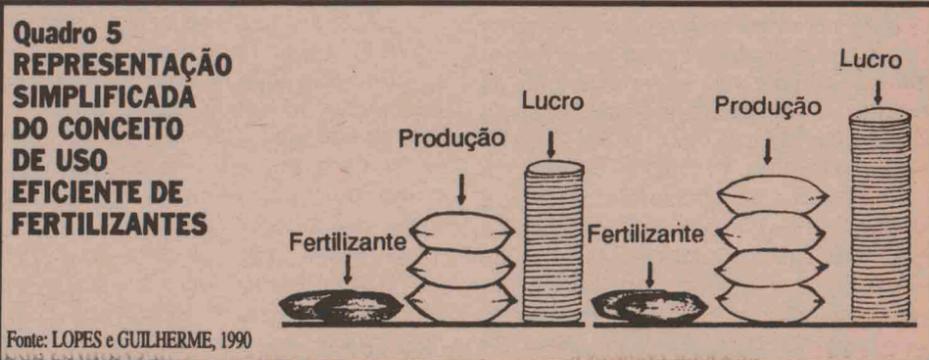
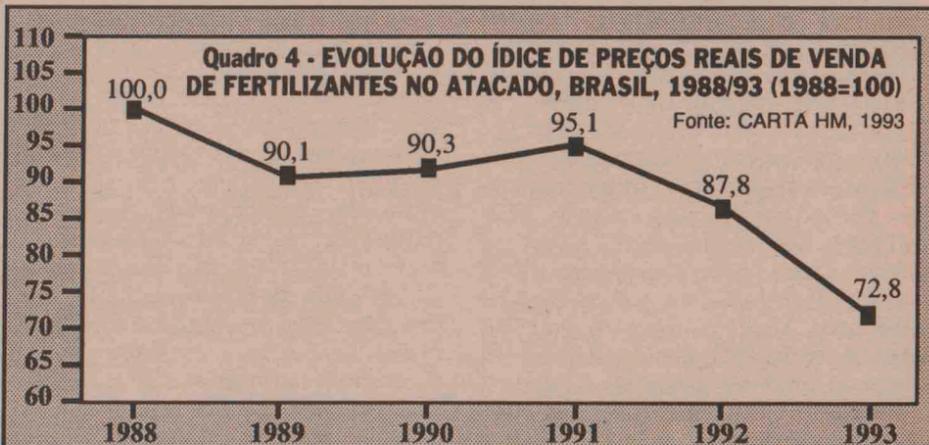
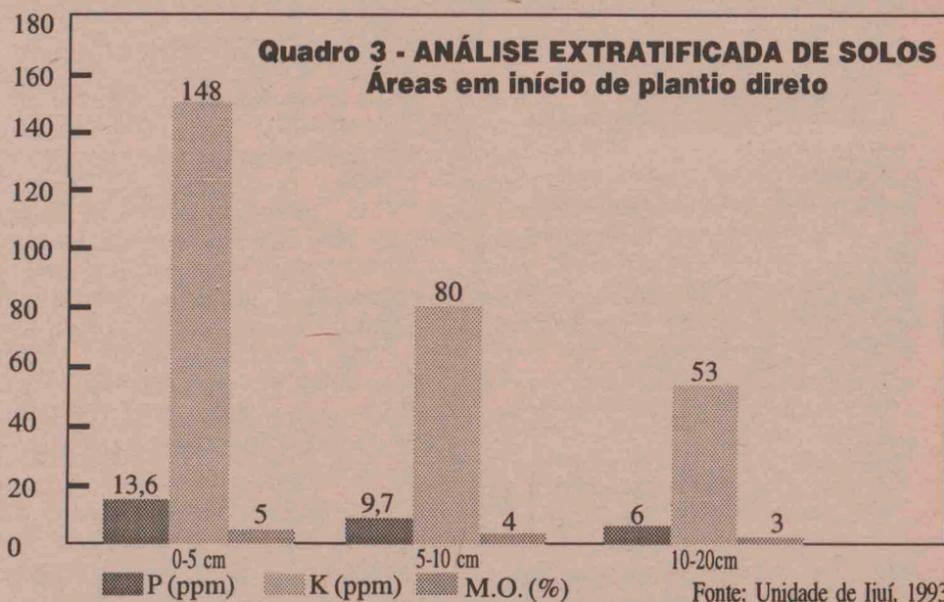
organizar através da análise do seu solo, da aquisição racional e uso eficiente do adubo. Não se trata apenas de adubar mais para colher mais. Lopes e Guilherme (1993) mostram que o agricultor ineficiente, por hipótese, aplica dois sacos de fertilizantes, obtendo de retorno, apenas três sacos no aumento da produção. Aplicando de modo correto, ele pode obter, por exemplo, de quatro ou mais sacos - conferir quadro 5. Para isso, uma consulta à equipe técnica pode esclarecer suas dúvidas.

Adão Acosta é engenheiro agrônomo e Supervisor de Plantas de Lavouras da Cotrijuí

Bibliografia consultada

- LOPES, A. S. & GUILHERME, L. R. G. Uso eficiente de fertilizantes: Aspectos agrônomicos. São Paulo, ANDA, 1990. 60 p (Boletim Técnico, 4).

- SÁ, J. C. M. Manejo da fertilidade do solo no sistema plantio direto. In: Plantio Direto no Brasil. Passo Fundo, Embrapa, Fecotriço, Fundação ABC, 1993 p 37-60.



MILHO

Tratamentos comparados

Na segunda etapa do dia de campo, realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, os produtores e familiares, os técnicos, os representantes de empresas que comercializam sementes de milho híbridos e o Assistente Técnico a nível de Carteira do Banco do Brasil, agência de Ijuí, o engenheiro agrônomo Jacques Portela de Azambuja, foram conhecer as áreas demonstrativas de milho implantadas no CTC. O pesquisador Roberto Carbonera recebeu o grupo dizendo que plantar milho e colher 10 mil quilos por hectare não é um feito apenas da pesquisa. É uma produtividade que pode ser alcançada em qualquer propriedade, desde que a lavoura seja conduzida dentro da tecnologia recomendada.

Antes de mostrar as áreas demonstrativas de milho, Carbonera ilustrou sua afirmação com dados das últimas lavouras de milho da região. De 1981/91, a produtividade média, a nível de propriedade, era de 2.600 quilos por hectare. Em 1992/93, essa produtividade média pulou para 3.450 quilos por hectare, "o que significa um avanço de 800 quilos por hectare". Ajudaram no avanço as boas condições climáticas ocorridas, mas a condução da lavoura, "com um melhor manejo e com a tecnologia recomendada", foi, na verdade, o que impulsionou esse crescimento no rendimento.

Nas áreas demonstrativas implantadas na região e em propriedades, a média de produtividade, alcançada em 1992 e 1993, foi de 6.277 quilos por hectare, "o que mostra que ainda existe um grande espaço no avanço de rendimentos da cultura do milho", avisou. A melhor área demonstrativa de 1992 apresentou um rendimento médio de 10.116 quilos por hectare e esteve localizada na propriedade do seu Erich Breuning, em Coronel Bicaco. Na propriedade de Élio Breuning, locali-

zada em Gamelinha, Tenente Portela, onde também foi instalada uma área demonstrativa, a produtividade média fechou em 9.075 quilos por hectare.

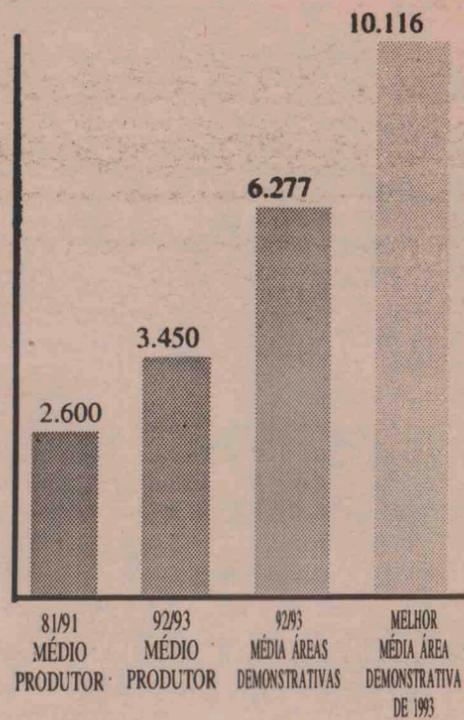
TRATAMENTOS DIFERENCIAIS - O mesmo trabalho de áreas demonstrativas de milho para a produção de grãos que vem sendo conduzido nas propriedades, também vem sendo realizado no CTC, apenas registrando uma diferença: tiveram tratamentos diferenciados. "Este é o primeiro ano que o CTC trabalha com áreas demonstrativas de milho", ressalta o pesquisador. Nestas áreas foram cultivados os mesmos 19 materiais plantados nas propriedades onde existem áreas demonstrativas e os tratamentos utilizados - num total de nove - constaram de aplicações de fertilizantes nitrogenados.

No plantio, todo ele pelo sistema de plantio convencional, e feito no dia 9 de outubro, o Carbonera explicou ter usado 400 quilos por hectare de adubo de fórmula 5-20-20. Mais adiante, fez controle de invasoras. Ele dividiu o experimento em nove parcelas - cada uma delas com os mesmos materiais - e, para cada uma delas, usou um tratamento. Na primeira parcela não aplicou nitrogênio em cobertura; na segunda colocou 150 quilos de uréia por hectare na superfície, "sem incorporar"; na terceira, 150 quilos por hectare de uréia incorporados; na quarta parcela trocou a uréia pelo sulfato de amônio, colocando 327 quilos por hectare na superfície; na quinta os mesmos 327 quilos por hectare de sulfato de amônio, só que incorporados; na sexta parcela colocou uréia parcelada na superfície - em duas vezes - num total de 150 quilos por hectare; na sétima, os 327 quilos por hectare de sulfato de amônio, na superfície, aplicado em duas vezes; na oitava parcela, os 150 quilos de uréia por hecta-

RENDIMENTO MÉDIO DOS MILHOS DUROS E SEMI-DUROS DAS ÁREAS DEMONSTRATIVAS/1993		
Nome do produtor	Localidade	Kg/ha
Élio Breuning	Tenente Portela	9.075
Ary Eloy	Tenente Portela	8.601
Juarez Primo	Derrubadas	7.852
Erich Breuning	Coronel Bicaco	10.116
Jeracy Baggio	Coronel Bicaco	8.530
Mário Sperotto	Santo Augusto	7.471
Valmir Franco	Santo Augusto	6.306
Idalino Speroni	Santo Augusto	1.762
Luis Francisconi	Ajuricaba	7.548
Sigfried Appel	Ajuricaba	6.603
Sidnei Montagner	Ajuricaba	6.067
Camilo Rebesquini	Chiapetta	3.049
Eldi Copetti	Ijuí	4.276
Escola 24 de Fevereiro	Ijuí	4.895
Paulo Gutknecht	Ijuí	4.661
Osmar Deutschmann	Augusto Pestana	4.617
Marlo Eickhoff	Jóia	6.352
Vanderlei Pillat	Jóia	3.017
Média		6.258

re, incorporados e em duas aplicações e na nona parcela, os 327 quilos de sulfato de amônio parcelado e incorporado.

OBSERVAÇÕES - O que os produtores e técnicos puderam observar nestas áreas demonstrativas "e que apareceu com muita evidência", é o grande amarelecimento das plantas até a altura da espiga e o secamento das folhas, "especialmente onde não houve aplicação de nitrogênio", mostrou Carbonera. Nas parcelas onde foi usada uréia, as plantas, apesar da estiagem, vêm se mantendo mais verdes. "O problema da falta de chuvas está mascarando um pouco os tratamentos", explicou o pesquisador lembrando que em janeiro, até o dia 19, havia chovido apenas 5 milímetros no CTC. Mas mostrou que nas parcelas onde não foi usado nitrogênio, as plantas estavam se ressen-



tindo muito mais da falta de chuvas.

Depois da visita às áreas demonstrativas, os produtores foram conhecer um ensaio de soja, onde estão plantadas as 27 variedades recomendadas para a região. O trabalho foi feito a partir do plantio destas variedades em três diferentes épocas do ano - em fins de outubro, fins de novembro e fins de dezembro. "O importante, explicou Carbonera ao grupo, é que houve uma boa germinação dos materiais nas três épocas". Disse que tampouco ocorreu tombamentos das plantas, como aconteceu em muitas lavouras da região. Esse experimento está instalado numa área onde, na safra passada, havia milho, "explicando em parte a boa germinação e o desenvolvimento das plantas". Nesse dia 19, a primeira parcela, plantada em fins de outubro, encontrava-se em floração, "apresentando um excelente desenvolvimento vegetativo", como o Carbonera fez questão de mostrar ao grupo. A parcela de novembro, em fase de desenvolvimento, já começava a sentir os efeitos da estiagem. A soja de dezembro encontrava-se em fase de desenvolvimento inicial.

Sustentação da diversificação

Os produtores que foram ao dia de campo na propriedade de Fernando Craidy avaliaram o desempenho dos materiais híbridos da área demonstrativa, os efeitos do plantio direto numa área de 240 hectares de milho e ainda assistiram a uma demonstração de aplicação de agroquímicos

O milho foi colocado pelo técnico agrícola Osmar Menegon, da Cotrijuí na Unidade de Santo Augusto, durante o dia de campo realizado na propriedade do Luiz Fernando Craidy, em Rincão dos Paiva, como uma cultura essencial dentro da propriedade, especialmente para os pequenos e médios produtores, "pois é ele quem vai dar sustentação aos projetos de diversificação". O dia de campo, realizado em 21 de janeiro, reuniu em torno de 100 produtores, representantes de bancos, de empresas de insumos e da Emater. Pelo lado da Cotrijuí - o departamento técnico da Unidade foi o responsável pela organização do dia de campo -, a presença do vice-presidente Euclides Casagrande, do superintendente Celso Sperotto, do gerente da Unidade, Antônio Weiller, dos diretores Nelvir Zardin e Francisco Tenório Falcão Pereira - interino - e de represen-

tantes da área técnica.

Antes de visitarem a área demonstrativa de milho e a lavoura, também de milho, de 240 hectares, toda em plantio direto, os produtores e demais convidados assistiram a uma demonstração de aplicação de agroquímicos em baixo volume - 40 litros por hectare -, apresentada pelo Supervisor de Insumos da Cotrijuí, Adão Acosta.

Enfático em suas observações, Osmar Menegon foi direto e disse que o custo do maquinário não serve mais de desculpas para que o produtor não plante milho. "Esse argumento não serve mais", insistiu, enumerando alguns dos motivos que "obrigatoriamente", levam o produtor a se decidir pela inclusão do milho na propriedade. A rotação de culturas, "especialmente para quem vai fazer plantio direto" e a diversificação das atividades,

"pois está ficando cada vez mais difícil de sobreviver apenas com uma ou duas atividades", já justificam, segundo o técnico, o plantio de milho. Colocou ainda, como fundamental "e também a ser pesado pelo produtor", a necessidade de se aumentar a receita da propriedade, de melhorar a fertilidade do solo e a distribuição do uso do maquinário e da mão-de-obra disponível.

No município de Santo Augusto foram plantados, nesta safra, 6.000 hectares com milho, "o que ainda é muito pouco", reclamou. A produtividade ainda não está explorando todo o potencial que a cultura oferece", salientou mostrando dados de áreas demonstrativas de safras anteriores.

100 POR CENTO - A propriedade de Fernando Craidy - Granja Taperinha - está com 100 por cento da sua área com plantio direto. A lavoura de milho, que nesta safra ocupa 240 hectares, tem três anos de plantio direto e foi feita com tecnologia de baixo volume. "O plantio direto é hoje uma questão de sobrevivência", destacou Menegon, alertando para a possibilidade de ocorrerem alguns problemas no primeiro ano. Mas a partir do



Pulverizador
Demonstração de aplicação de agroquímicos

segundo ano começam a aparecer os resultados". No ano passado, o rendimento da lavoura foi de 66 sacos por hectare, mas a estimativa de colheita para este ano é de 120 sacos. O milho foi todo semeado em agosto. "Ninguém perde dinheiro plantando milho em agosto", disse ainda aos produtores.

"Plantar milho é produzir mais soja", disse o diretor da Divisão de Operação e Comercialização da Cotrijuí, Nelvir Zardin, para quem, o produtor que colhe 40 sacos de soja por hectare, tem, obrigatoriamente, que colher 80 de milho. Mas recomendou cuidado na hora do plantio e pediu que o produtor não use toda a área com milho, especialmente no caso do plantio direto.

Terneiras em cabanas

A criação de terneiras em cabanas individuais é uma prática largamente difundida no Paraná e que já começa a ser adotada na região pelos produtores de leite que estão optando pela formação do plantel dentro da própria propriedade. "O sistema permite que o animal se adapte à realidade da propriedade"



Terneiras em cabanas isoladas
Uma prática que já começa a ser adotada no município

de", analisou o médico veterinário Jorge Fensterseifer ao falar sobre a criação de terneiras durante o dia de campo realizado em Fundo Alegre, interior de Augusto Pestana. Na propriedade, colocou ainda o Jorge, o animal tem a vantagem de ficar em contato com os seus inimigos naturais, "adquirindo resistência a estes agentes e evitando futuras doenças, como a tristeza, por exemplo".

Mas recomendou alguns cuidados, a começar pela vaca "que deve permanecer seca pelo menos dois meses antes do parto para que possa transferir para a terneira os nutrientes necessários e também se preparar para a próxima lactação. Não aconselhou interferência no parto, "só em caso de extrema necessidade" e nem na higiene do animalzinho, que deve ser feita pela própria vaca. Mas pediu cuidados com a desinfecção do umbigo.

VACINAÇÕES - Além da descorna,

que precisa ser feita logo após o nascimento, da identificação dos animais, "seja através de brincos ou marcas na orelha", o Jorge salientou a questão da vacinação. Entre estas colocou as que evitam paratífos, o carbúnculo hemático e o sintomático, a brucelose e a febre aftosa.

A terneira deve ficar, no mínimo, 12 horas com a vaca, alimentando-se do colostro, "o aliado que vai ajudar no combate às infecções", explicou. Segundo o Jorge, no período de três horas, a terneira deve ter tomado, no mínimo, um litro de colostro. "Se o animal não mamar na vaca, tirar o leite e fornecer numa garrafa", pediu. Não aconselha a permanência da terneira junto com a vaca, pois vai atrasar a próxima entrada de cio e ainda causar problemas de mamite. E para que os animais cresçam com sanidade, sugeriu uma alimentação planejada, "com orientação correta".

Bom desempenho

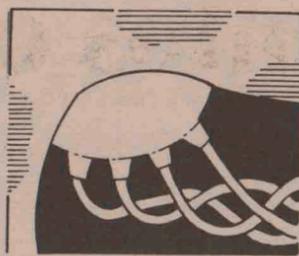
No dia 18 de janeiro, cerca de 80 produtores de Irapuá e redondezas, interior de Miraguá, participaram de um dia de campo na propriedade de Anélio Pelizan, promovido pelo departamento técnico da Cotrijuí, Unidade de Tenente Portela, com o apoio da Emater e Secretaria Municipal de Agricultura de Miraguá. Acompanhados pelos engenheiros agrônomos Roberto Carbonera, pela Cotrijuí e Josemar Parize, da Emater e pelo técnico agrícola Ênio Ganascini, da Unidade de Tenente Portela, que atuaram como palestrantes, os produtores puderam avaliar o comportamento de vários materiais de milho cultivados numa área demonstrativa implantada na propriedade. Para facilitar o deslocamento dos produtores mais distantes, a Prefeitura Municipal colocou, à disposição, um ônibus para o transporte.

Além de intensificar a difusão da tecnologia existente sobre a cultura, os palestrantes aproveitaram a ocasião para destacar alguns aspectos relacionados com correção do solo, adubação, espaçamento, população, rotação de culturas, plantio direto, adubação nitrogenada, época de plantio e escolha das cultivares.

Na lavoura demonstrativa do seu Anélio foram implantados 18 híbridos de milho, "além de uma variedade de polinização aberta e duas de pipoca", informou o Ênio Ganascini. O plantio foi realizado dia 27 de agosto, sendo utilizado 290 quilos de adubo da fórmula 5-20-20 e mais 80 quilos de superfosfato triplo por hectare como adubação de base. "Em cobertura, explicou, foram usados 120 quilos por hectare de uréia, parcelado em duas aplicações".

BOM DESEMPENHO - Todos os materiais tiveram um bom desempenho, o que possibilitou uma melhor avaliação das cultivares por parte dos participantes do dia de campo. Essa avaliação foi complementada com observações a respeito de características peculiares de cada cultivar, como precocidade, altura da planta e altura de inserção da espiga, número de fileiras por espiga e número de grãos por fileira, resistência ao quebramento, acamamento e doenças. "Mais adiante serão avaliados o peso dos grãos por hectare de cada um destes materiais", explicou o Ênio aos produtores.

Proprietário de 92 hectares e arrendatário de outros 20, o produtor Anélio vem adotando a melhor tecnologia existente nas suas lavouras "e isso tanto vale para a soja como para o milho", informou o Ênio. Planta em torno de 70 hectares com soja e sua produtividade média tem andado ao redor dos 3.000 quilos por hectare. Da lavoura de milho, de 20 hectares, tem tirado uma média de 6.000 quilos por hectare. Produz ainda 25 mil litros de leite/ano e 30 mil quilos de suínos/ano. "Todo o estercor produzido na propriedade é aproveitado nas lavouras", explicou ainda o técnico agrícola ao apresentar a propriedade para os demais participantes do dia de campo.



COLUNA DO LEITE

Coordenação: Engenheiro agrônomo Jair da Silva Mello, supervisor de Pecuária Leiteira e colaboração de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite da Cotrijuí

Investimentos na atividade leite em 1994

Durante todo o ano de 1993, os produtores de leite, associados da Cotrijuí, receberam, para aplicar na atividade, investimentos na ordem de 1,1 milhão de dólares. Esse recurso foi repassado aos produtores de leite através de vários programas de troca implantados pela Cotrijuí e pela Cooperativa Central Gaúcha de Leite.

Neste 1994, a proposta da CCGL que em janeiro comemorou 18 anos de existência, é a de continuar investindo no fomento da atividade leite, buscando ampliar e qualificar a produção de leite no Estado. Resultado de um projeto encaminhado no ano passado ao BNDES, ela deverá aplicar 12 milhões de dólares no financiamento de produtores associados das cooperativas filiadas. Para a Cotrijuí, será destinado 1,5 milhão de dólares, a ser repassado aos produtores de leite através de projetos técnicos.

Condições para participar do projeto:

- Ser produtor de leite da Cotrijuí;
- Cadastrar-se junto ao Banrisul;
- Fazer a inscrição na sua Unidade de matrícula.

Objetos de financiamento:

- Equipamentos - resfriadores, ordenhadeiras, trituradores de grãos, ensiladeiras, conjuntos de fenação, esparramador de esterco e semeadoras de milho.
- Instalações - construções ou adequações de salas de ordenha, estábulos e centros de manejo.
- Animais - vacas, novilhas e terneiras.
- Botijões de sêmen e doses de sêmen
- correção de solo para pastagens e formação de pastagens, como alfafa, por exemplo.

A Cotrijuí estará orientando os produtores no sentido de priorizarem a alimentação do rebanho e a melhoria nas instalações de ordenha. Ou seja, procurar direcionar os recursos na aquisição de ensiladeiras e enfardadeiras em grupo. Essa priorização leva em consideração a necessidade de se avançar mais na oferta de forragens, pois o objetivo é que, a médio prazo, 100 por cento dos produtores de leite da região tenham silagem ou feno na propriedade, buscando, desta forma, uma redução na curva de produção de leite. Essa redução tem feito com que a produção, no outono e inverno, desça a percentuais que giram em torno dos 35-40 por cento. Outra prioridade que está sendo eleita trata das instalações. Melhorar a qualidade do leite passa, obrigatoriamente por melhores instalações, resfriamento do leite, sanidade do rebanho e higiene na ordenha.

Condições de pagamento

Os produtores que financiarem equipamentos poderão pagá-los num período de cinco anos, com um de carência. Para os demais investimentos, o prazo de pagamento é de seis anos, com dois de carência. Os produtores proprietários de área inferior a 50 hectares, serão beneficiados com a equivalência produto para o pagamento da dívida. Ou seja, a dívida poderá ser saldada, corrigida pela variação do preço mínimo do milho. Os pagamentos das parcelas poderão ser semestrais ou anuais.

Realização dos projetos

A Cotrijuí tem o prazo até o final de fevereiro para entregar todos os projetos de financiamento de seus associados produtores de leite. Aqueles que estiverem interessados em financiar algum equipamento, animal e reformar instalações, poderão procurar melhores informações nas suas Unidades. Como o prazo dado à Cotrijuí para a apresentação dos projetos é curto, o produtor precisa tomar sua decisão o mais rápido possível.

Estes recursos a serem aplicados no fomento à atividade leiteira vem ao encontro de uma das solicitações feita pela Comissão dos Produtores de Leite da Cotrijuí, levada através dos representantes do Comitê de Produtores de Leite à CCGL, no mês de agosto, quando da realização da primeira reunião. Neste dia, na Casa da CCGL, em Esteio, os produtores encaminharam um pedido, solicitando uma linha de crédito com prazo para pagamento e indexado em produto. A expectativa é de que todos os produtores façam uso destes recursos, já que é uma oportunidade rara e que vai possibilitar, através dos investimentos, um salto na qualidade e produtividade do leite produzido na região.

Preços do leite

Entre 1º de janeiro a 1º de fevereiro de 1994, a variação no preço do leite foi de 37 por cento.

- 1º a 15 de janeiro...CR\$ 67,00 o litro de leite cota consumo
- 16 a 31 de janeiro...CR\$ 78,00 o litro de leite cota consumo
- 1º a 15 de fevereiro...CR\$ 92,00 o litro de leite cota consumo.

APSAT SÃO MARTINHO

A construção da sede própria

Depois de três anos em operação e funcionando em instalações alugadas, a Apsat São Martinho, com o apoio financeiro do Feaper, constrói sede própria

Quando a Apsat São Martinho foi criada, isso em meados de 1990, pouco se sabia sobre o assunto. As referências e informações que circulavam pela região, até com um certo "ver para crer", vinham de Santo Cristo ou de Vista Gaúcha, onde existe, há mais de 10 anos, uma Apsat de Máquinas. A notoriedade da Apsat de Máquinas de Vista Gaúcha não é a mesma daquela de Santo Cristo, especialmente as de suínos, que se tornaram modelo para as dezenas de Associações que começaram a pipocar por este Rio Grande.

Foi justamente para ver de perto uma coisa que até então não tinha a mínima idéia do seu funcionamento que, em fins de 1989, o agricultor e na época secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Martinho, Canizio José Welter resolveu aceitar o convite do pessoal técnico da Cotrijuí, Unidade de Santo Augusto, para conhecer as Apsats de Santo Cristo. A história da Apsat São Martinho começou por aí. Na volta, seu Canizio organizou uma outra excursão, desta vez com produtores e voltou novamente a Santo Cristo. Numa outra etapa, foi até Bom Plano, interior de Vista Gaúcha para ver de perto o funcionamento de uma Apsat de Máquinas.

Entusiasmado com a idéia e levando o apoio do departamento técnico da Cotrijuí/Santo Augusto e Emater, seu Canizio organizou um roteiro de reuniões pelo interior. "Nestas reuniões, relembra, levava a idéia do associativismo como saída para o pequeno produtor e tentava mostrar as vantagens de trabalhar apenas com a terminação de suínos, sem se envolver com as matrizes e os leitões.

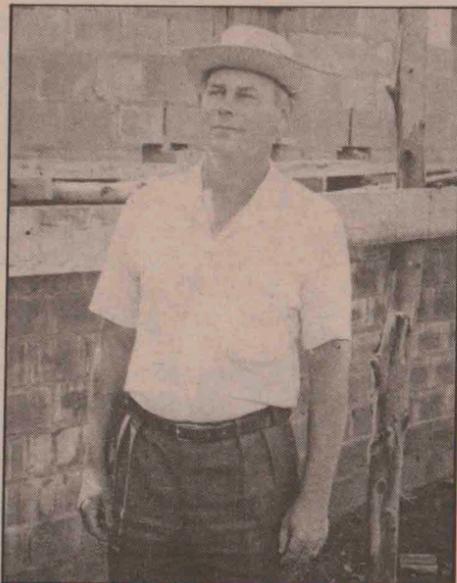
Seu Canizio já nem lembra mais o número de reuniões que organizou. Mas a princípio, a proposta teve a adesão de 20 produtores. Alguns desistiram mais tarde, mas em março de 1991, plenamente constituída, a Apsat, instalada numa sede alugada e paga com os recursos dos próprios associados, recebia o seu primeiro lote de 30 matrizes. Em maio, fechou as 100 matrizes planejadas. As instalações, localizadas em Esquina Thomas e de propriedade de Edgar Huppes, foram totalmente reformadas às custas dos associados. Atualmente ela abriga 125 matrizes, com uma média de 9,8 leitões/porca ou 20 leitões/porca/ano. "Estamos dentro do padrão estabelecido", adianta seu Canizio, o presidente da Associação, embora reconheça que esse padrão precisa ser melhorado.

NOVAS INSTALAÇÕES - Mas como melhorar a eficiência da atividade dentro do condomínio? Essa preocupação levou o grupo a constatação de que as instalações, muito antigas, não estavam proporcionando um manejo adequado da criação. Uma readequação nas instala-

ções levaria, obrigatoriamente, a paralisação das atividades "e isso não podíamos fazer", observa. Sem outra alternativa, o grupo decidiu construir uma sede própria. Na busca de aporte financeiro, chegaram até o Feaper. O financiamento do projeto corresponde a 14 mil sacos de milho, a ser pago num prazo de quatro anos, com dois de carência. Para a compra da área, localizada em Linha Bom Sossego, pertinho da cidade, foi feita uma chamada de capital dos associados. "Compramos a área a troco de soja", conta o presidente.

O projeto financiado pelo Feaper prevê a construção de instalações com capacidade para abrigar até 100 matrizes, mas a idéia do grupo "e essa é uma decisão já tomada", é ampliar a obra, capacitando-a para abrigar 300 matrizes. A construção iniciou em setembro e a expectativa do grupo é de que em maio, no máximo, os animais já possam estar nas novas instalações. Até que o grupo tenha fôlego para caminhar com as suas próprias pernas, a Cotrijuí, em convênio com a Apsat, recebe os leitões e repassa aos associados através de um financiamento especial. "Esse convênio tem nos ajudado em muito", diz seu Canizio colocando que a idéia do grupo, para o futuro, é trabalhar direto, "sem intermediação".

A exemplo dos demais projetos financiados pelo Feaper, a nova sede da Apsat São Martinho consta de três pavilhões - monta e gestação, maternidade e creche - casa do administrador e uma pequena fábrica de rações. Para a diretoria atual, composta pelo seu Canizio, na presidência, por Igino Foletto, na vice-presidência e por Antônio Welter, na secretaria, as novas instalações, mais apropriadas para o tipo de criação, modernas e individuais para cada manejo e acrescidas de melhor ventilação, temperatura e água à vontade, vão permitir uma



Canizio José Welter, o presidente
Planejando o futuro



As instalações da Apsat São Martinho

A construção dos pavilhões deve ficar concluída em maio

melhor eficiência na atividade. "Nas atuais instalações, os animais estão todos juntos, o que dificulta o manejo e interfere na rentabilidade", explica seu Canizio certo de que a partir da nova sede, vão diminuir os problemas sanitário e os animais poderão apresentar melhor ganho de peso e maior número de leitões por porca/ano. O grupo também vem apostando numa redução no período de desmame de leitões, de 30 para 26 dias.

APOSTANDO NO FUTURO - "Ainda não vimos grandes lucros nestes três anos de Apsat, mas estamos apostando no futuro", tem dito o seu Canizio. Esse futuro refere-se a uma maior estabilidade do pequeno produtor na atividade. E essa estabilidade só vai ocorrer a partir do momento em que melhorar a eficiência na produção de leitões, a qualidade e o padrão sanitário. Uma produtividade melhor não só ajuda a diluir os custos de produção, como também aumenta os

ganhos dos associados. "Acredito que com as novas instalações a nossa eficiência vai melhorar ainda mais. O que queremos é colocar um produto de qualidade no mercado".

O sucesso da Apsat São Martinho, na opinião do seu presidente, tem muito a ver com o grupo, "coeso e com coragem suficiente para superar todas as dificuldades". Compara a Apsat a uma pequena cooperativa, onde os associados têm liberdade de ir e vir. Aquele que não está satisfeito, pode se retirar, abrindo caminho para um outro produtor interessado em participar do projeto. "Assim como uma cooperativa, uma Apsat ou condomínio está estruturada de tal forma que outros produtores possam viabilizá-la", acrescenta ainda, considerando a Apsat "ou condomínio, como alguns preferem identificá-la", como uma das alternativas de sobrevivência do pequeno produtor, seja de suínos ou de leite.

Lojas Cotrijuí

Sr. associado!

Revise suas máquinas e pague na safra.
INFORME-SE.



Lojas Cotrijuí

Uma combinação de bom atendimento, produtos de qualidade e preços acessíveis.

A primeira de Inhacorá

Um grupo de 10 produtores forma uma Apsat de Máquinas, a primeira de Inhacorá. Com recursos do Feaper os produtores compraram uma plantadeira hidráulica para soja, milho e trigo, um pulverizador de barra e um classificador de sementes

Em Inhacorá, mais precisamente na localidade de Passo da Luminata, um grupo de 10 pequenos produtores passou quase um ano discutindo a formação de uma Apsat. "A idéia foi amadurecendo aos poucos", relembra o presidente da Associação, o produtor Itor Roque Ghem, proprietário de 20 hectares de terra, explicando que a Apsat de Máquinas foi a quarta alternativa debatida pelo grupo na série de encontros e reuniões realizadas até a concretização da Associação.

A proposta de criação de uma Apsat em Passo da Luminata surgiu em meio a última campanha política, que elegeu prefeitos e vereadores. A primeira proposta do grupo era de criar uma Apsat de Conservação e Recuperação do Solo, "que não deu certo por falta de uma linha específica de financiamento", conta o associado Eu-

gênio Kosloski, historiando um pouco a trajetória da Associação. Como segunda alternativa passaram a discutir a possibilidade de trabalhar com leite, mas a pouca disponibilidade de área para este tipo de atividade, enterrou a idéia do grupo. A opção por um condomínio de suínos chegou a ser ventilada, mas a maioria se manifestou de forma contrária por não acreditar na atividade e entender que o retorno é muito pequeno. Para o presidente da Apsat, o que realmente assustou os produtores foi o investimento, "muito alto" a ser usado na construção das instalações. Lembra que o grupo todo possui, em média, 20 hectares de terra. Uma Apsat de Máquinas foi a saída encontrada pelos 10 produtores que estavam procurando no associativismo uma saída para seus problemas.

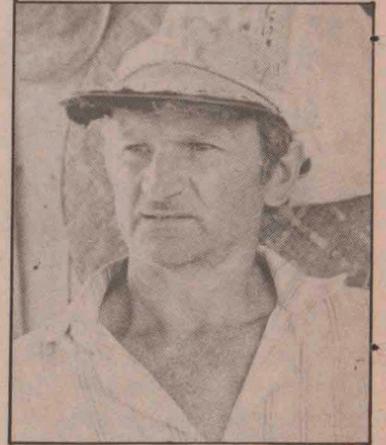
O dinheiro para financiar

a aquisição das máquinas veio do Feaper. Já foram compradas uma plantadeira hidráulica usada para soja, milho e trigo, em sistema de plantio direto, um pulverizador de barra e um classificador de sementes. O pulverizador e o classificador até já estão sendo usados. Apenas a plantadeira ainda se encontrava em reformas até meados de dezembro. O financiamento, a ser pago em milho, num prazo de quatro anos com dois de carência, vai custar a cada produtor associado, segundo os cálculos do seu Eugênio, em torno de 61 sacos do produto.

UNIR AS FORÇAS - Para Itor Ghem, o momento é muito delicado e, para vencer tantas dificuldades que a conjuntura econômica vem impondo, o produtor, especialmente o pequeno, só tem uma saída: unir as suas forças. "Se quiser continuar na terra, ele terá que ter



Itor Ghem, presidente



Eugênio Kosloski, associado

essa consciência". Seis dos associados já possuem trator, o que alivia um pouco a situação do grupo. Em vez de comprar um para a Associação, pretendem trocar serviços. Outra idéia do presidente é estabelecer uma taxa de uso para o maquinário da Associação. "Uma Apsat não visa lucro, mas com esse pequeno fundo, será possível fazer a manutenção das máquinas e equipamentos", explica.

O seu Eugênio Kosloski é proprietário de 4,6 hectares de terra e arrendatário de outros 8 hectares. Ainda planta outros 8 hectares meio a meio. Ele se coloca na situação de pequeno produtor sem condições de comprar qualquer tipo de máquina. Quando precisa plantar suas la-

vouras, troca de serviço com os vizinhos. Assim como Itor, ele acredita no trabalho em grupo, "uma saída para o pequeno poder continuar na terra, produzindo". Grande admirador do plantio direto - só não adotou o sistema ainda por falta de plantadeira adequada - seu Eugênio também acha que a soja já não é a solução para todos os problemas. "O retrato de soja sobre soja está aí. É preciso fazer rotação e diversificar as atividades", diz ele sugerindo o plantio do milho e a criação de suínos, peixes e ainda a atividade de leite. É claro, concorda, que o produtor não pode fazer tudo ao mesmo tempo. Mas escolher as atividades certas e trabalhar com resultados".

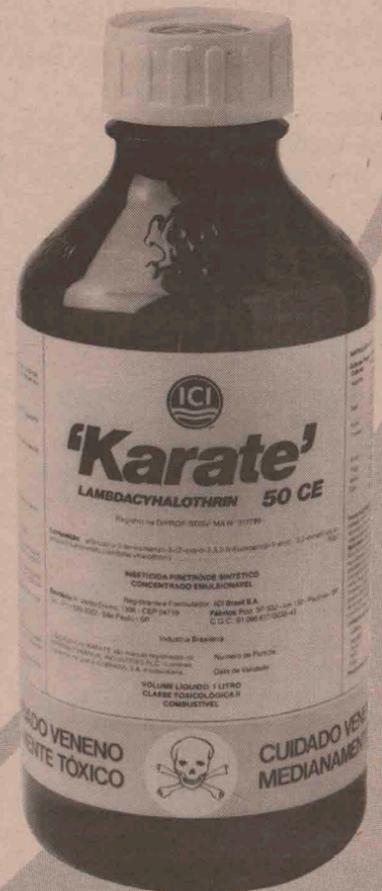
PRAGA NO TRIGO E NA SOJA ?
PRAGA NO ARROZ E NO MILHO ?
PRAGA NO TOMATE ?
PRAGA NO ALGODÃO ?

TENHA SEMPRE À MÃO

KARATE
INSETICIDA

O GOLPE DEFINITIVO NAS PRAGAS.

Siga as instruções do rótulo
para cada cultura e pragas a serem controladas.



Agrícola

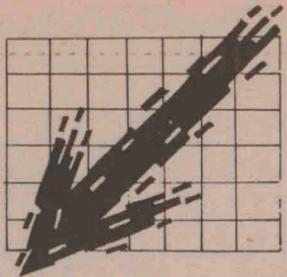
ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, botas, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

Argemiro Luis Brum



GATT

Terminou a Rodada Uruguai

As rodadas de negociações no GATT - Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio -, são reuniões periódicas - sem data pré-fixada - que visam eliminar o protecionismo existente no comércio mundial de todos os produtos e serviços. As mesmas envolvem todas as partes contratantes, isto é, todos os países membros do GATT - 117 países no dia 15 de novembro de 1993, data em que a Rodada Uruguai foi encerrada. São as chamadas reuniões multilaterais embora, na prática, as decisões sejam tomadas quase que bilateralmente como foi o caso entre EUA e CEE na recente Rodada Uruguai. A mesma durou mais de sete anos, pois iniciou em setembro de 1986 em Punta del Este, no Uruguai - daí o nome de Rodada, que foi a oitava na história do GATT.

A maior característica da Rodada Uruguai foi ter incluído, pela primeira vez, em negociação multilateral, alguns setores chave para a economia mundial, dentre eles a agropecuária. A partir de agora o cronograma será o seguinte: assinatura do acordo em abril de 1994; início da implementação das decisões em 1º de julho de 1995; término da implementação das decisões para os países desenvolvidos, o ano de 2001 e para os países em desenvolvimento, o ano de 2005; a partir daí o comércio mundial estará funcionando integralmente conforme as decisões tomadas na Rodada Uruguai - isto dá uma idéia do que significam realmente estas negociações. Possivelmente, muita coisa já estará ultrapassada no momento de sua colocação em prática.

O GATT, pelo que foi decidido, deverá dar lugar, a partir de 1º de julho de 1995, à Organização Mundial do Comércio - OMC. Na verdade, o GATT jamais deveria ter existido. De fato, ao término da Segunda Guerra Mundial, por ocasião da reunião de Bretton-Woods, uma Organização Internacional do Comércio (OIC) estava prevista. A entidade teria o mesmo "status" que o Banco Mundial - BIRD - e o FMI. Cerca de cinquenta países tomaram parte nos trabalhos que chegaram a esta conclusão. A futura OIC seria uma instituição especializada da ONU. Paralelamente, para remediar o acúmulo de medidas protecionistas herdadas do início dos anos 30, em 1946, vinte e três países - dentre eles o Brasil - as chamadas "partes contratantes" - se lançaram em negociações tarifárias. Elas resultaram num acordo sobre 45.000 concessões tarifárias. Este acordo foi designado sob o nome de Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio, cuja sigla em inglês é GATT. Ele entra em vigor em 1948. A carta da OIC não tendo sido jamais adotada, o GATT acabou ficando, até hoje, como único instrumento multilateral para as negociações comerciais a nível internacional. Após todos estes anos portanto, o GATT deverá desaparecer para dar lugar a OMC, a qual deverá ter maior autonomia e poderes para controlar o comércio mundial

sempre visando liberalizá-lo o máximo possível.

Mas, o mais importante nisto tudo é que, na medida em que o GATT, pela primeira vez em sua história, incluiu a agropecuária como objeto de negociação, teremos modificações relativamente importantes nesta economia a nível mundial e na agropecuária nacional em particular. Tanto é que as decisões de retirada de subsídios nas exportações e na produção a nível mundial, em especial na CEE e no Japão, deverão favorecer alguns produtos nacionais e prejudicar outros. Da forma como está, na verdade, os avanços não foram muito significativos na questão agrícola.

O protecionismo mundial na área deverá continuar, havendo apenas uma redução parcial do mesmo. O Brasil deverá, no futuro - no final dos próximos seis anos -, talvez ganhar com as exportações de frutas tropicais, suco de laranja, carnes bovina, suína e de aves. Indiretamente, como os preços internacionais, com a queda parcial dos subsídios, devem subir, talvez a produção nacional de arroz e principalmente de trigo ganhe mais alento pois estaremos pagando mais caro pelo produto importado. Aí, tudo dependerá da "tarifa externa comum" que será implementada junto ao Mercosul. Uma tarifa muito baixa - 10 por cento em média como deseja o Brasil - não nos ajudará. Enfim, deveremos perder na soja - grão e farelo - na medida em que esta oleaginosa tinha um mercado relativamente cativo na Europa e no Japão graças aos subsídios dados à produção animal nestas regiões.

Pelas projeções européias, consta que a CEE deixará de importar, após a implementação das medidas, cerca de 2 milhões de toneladas de farelo de soja anuais - já neste ano de 1994 o consumo de farelo de soja deverá cair 1,9 milhão de toneladas na CEE.

Por outro lado, ainda faltando os detalhes, sabe-se que as indústrias moageiras mundiais terão livre acesso às oleaginosas em qualquer parte do mundo. Isto é, um país não pode mais reservar parte de sua produção para, deliberadamente, destiná-la ao seu parque industrial. Para o Brasil e a Argentina isto é péssimo na medida em que já temos uma grande ociosidade em nosso parque moageiro. Se isto for realmente implementado nossa indústria sofrerá e, talvez, deixemos de assistir a preços internos mais elevados do que a paridade internacional como seguidamente ocorre.

AS MEDIDAS SACRAMENTADAS

Na verdade, no caso da agropecuária, a base do acordo foi o chamado pré-acordo de Blair House, assinado em novembro de 1992 entre a CEE e os EUA. O mesmo foi posteriormente alterado dias antes do término da Rodada, fato que permitiu se chegar a uma conclusão global da mesma. Os pontos principais que ficaram assim sacramentados podem ser resumidos como segue:

a) **todos os países devem reduzir em 21 por cento suas exportações subvencionadas:** em seis anos isto deverá estar implementado junto aos países ricos. O período de referência para calcular esta redução passou a ser 1991-1992 e não mais 1986-1990. Com isto, a CEE saiu favorecida pois poderá exportar maior volume de produtos

subsidiados - o suplemento a ser exportado em função da modificação do período de referência está sendo calculado em 8,11 milhões de toneladas subvencionadas de cereais - um terço dos estoques atuais de grãos na Comunidade -; 102.000 toneladas de queijos; 150.000 toneladas de tabaco. Sem falar que as exportações sob forma de ajuda alimentar não são atingidas pelo acordo.

b) **todos os países são obrigados a importar 3 por cento de seu consumo interno a partir de 1995 e 5 por cento a partir do ano 2001:** tal medida não se aplicará mais "produto por produto" mas sim sobre grandes categorias de produtos - cereais, produtos lácteos, carnes, etc... Mais uma vez a CEE ganha com esta mudança pois evita de importar, por pressão do acordo, 3,17 milhões de toneladas de cereais; 594.000 toneladas de carne suína; 106.000 toneladas de queijos e 72.000 toneladas de leite em pó. Assim, de um total geral de 7,7 milhões de toneladas de produtos alimentícios, a CEE fica obrigada a importar apenas 280.000 toneladas. Em compensação, os EUA continuarão exportando livremente o glúten de milho - concorrente da soja nas rações animais - para os europeus - mais de 5,0 milhões de toneladas em 1993. Também continuarão com livre acesso ao mercado espanhol e português para a exportação de milho e sorgo - 2,0 milhões de toneladas de milho e 300.000 toneladas de sorgo para a Espanha e 500.000 toneladas de milho para Portugal.

c) **a cláusula de paz passou a ser por nove anos no lugar de seis.** Isto significa que durante este período, a contar de 1º de julho de 1995, todos os subsídios dados aos produtores europeus atingidos pela reforma da Política Agrícola da CEE-PAC - em especial o subsídio por hectare plantado em troca de 15 por cento das terras em pousio - não serão reduzidos. Na prática os EUA não poderão mais questionar a nova PAC que foi lançada em 21/05/92.

OS SUBSÍDIOS PERMANECERAM

Pelos estudos realizados até aqui, consta que o mundo ganhará entre US\$ 200 a US\$ 300 bilhões anuais a partir do ano 2002 com a implementação das medidas acordadas na Rodada Uruguai. No particular, grande parte destes ganhos deverão ficar com os países desenvolvidos - 85 por cento -, dentre eles, em primeira linha os EUA, a CEE e o Japão. Alguns países em desenvolvimento poderão ganhar igualmente, porém, em menor intensidade e em setores localizados: Índia, China, Brasil - na área industrial sobretudo de têxtil e de papel.

os países asiáticos - aliás prevê-se que a Ásia Oriental fique com 54 por cento do desenvolvimento total das exportações dos países em desenvolvimento graças aos resultados da Rodada. Já os países pobres, importadores líquidos de alimentos, perderão - penso sobretudo na África que deverá perder, no seu conjunto, cerca de US\$ 2,6 bilhões anuais a partir do ano 2002. Além disso, dentro de cada região e de cada país, aqueles que não forem produtivos e competitivos perderão igualmente, sendo eliminados do processo. Isto serve em especial para os nossos produtores agropecuários.

A título de conclusão, é bom alertar para o fato que, apesar do término da Rodada Uruguai, os subsídios à produção e ao comércio de produtos agropecuários continuarão, sobretudo junto aos países ricos. Isto porque, como frisamos anteriormente, para o setor agrícola o acordo foi muito limitado. Sem falar que estes países têm um bom tempo pela frente para se adaptarem ao resultado das negociações e criarem outros mecanismos de proteção e subsídios. Penso sobretudo na questão cambial e nas barreiras não-tarifárias, tipo sanitárias, ecológicas e culturais, pontos que o GATT ignorou. Afinal, até o momento os subsídios agrícolas cresceram - o conjunto dos 24 países membros da OCDE - que são os 22 mais ricos do planeta e mais a Islândia e a Turquia - passaram de um volume médio de subsídios agrícolas de US\$ 107,17 bilhões entre 1979-1986, para US\$ 173,9 bilhões em 1990 e US\$ 179,5 bilhões em 1992, enquanto as transferências de recursos ao setor primário, a título de ajuda às políticas agrícolas, apenas na CEE, nos EUA e no Japão, juntos, chegaram a US\$ 350,0 bilhões em 1992. Não há razão imediata para que eles sejam reduzidos. No máximo poderemos assistir a uma estagnação nos níveis que aí estão. O que poderá haver é mudança quanto aos setores, em cada economia, que serão privilegiados com os mesmos.

TABELA Nº 1: SUBSÍDIOS AGRÍCOLAS TOTAIS EM ALGUNS PAÍSES (em bilhões de dólares)

	1990	1991	1992
CEE	82,3	84,5	85,4
Japão	29,8	30,9	35,7
EUA	33,0	31,4	33,8

FONTE: OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento)

TABELA Nº 2: SUBSÍDIOS POR PRODUTO NA MÉDIA DO CONJUNTO DOS 24 PAÍSES MEMBROS DA OCDE (em US\$/ tonelada)

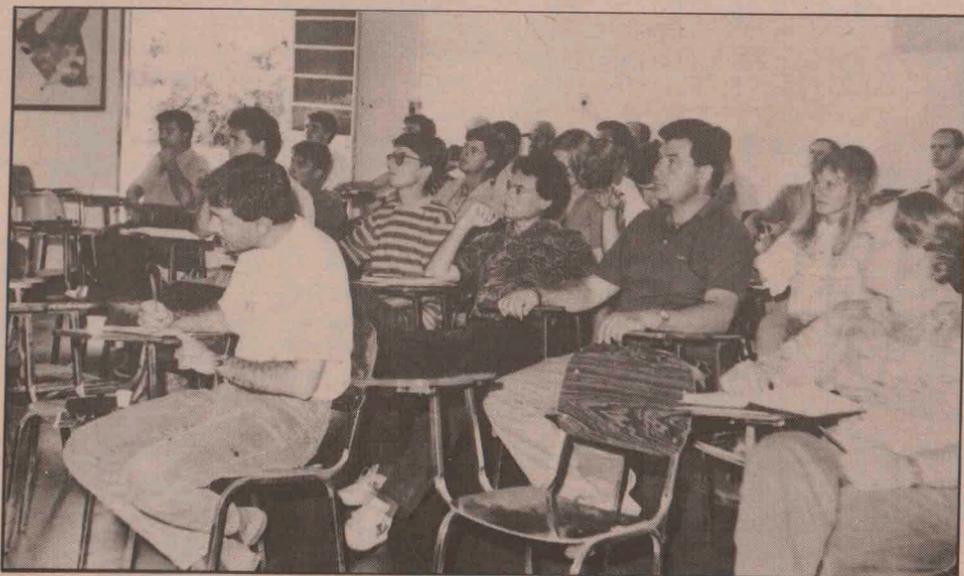
	1990	1991	1992
Trigo	79	110	84
Arroz	964	976	1080
Oleaginosas	91	80	76
Leite	252	233	242
Carne bovina	1390	1415	1518
Carne suína	236	293	304
Aves	181	167	138

FONTE: OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento)

COLZA

Técnicos com mais informações

35 técnicos das cooperativas que integram o Grupo Técnico da Colza/Canola no Estado participaram de um curso realizado no CTC que teve como proposta mostrar as tecnologias disponíveis para o cultivo desta oleaginosa



Os técnicos que participaram do curso. Informações serão repassadas aos produtores interessados

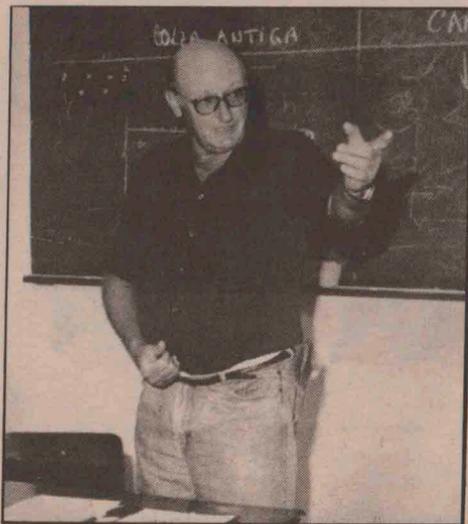
Mostrar as tecnologias geradas para a produção de colza/canola. Esse foi o ponto fundamental do Curso sobre Atualização em Colza/Canola promovido pelo Grupo Técnico da Colza/Canola no Rio Grande do Sul. Realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, no dia 7 de dezembro, o curso foi dirigido apenas aos técnicos das cooperativas que estão participando da elaboração de um programa de produção de colza/canola no Estado. Este grupo está composto pelas cooperativas Cotrijuí, Ijuí, Cotriel, de Espumoso, Cotrisoja, de Tapera, Cotrijal, de Não-Me-Toque, Cotribá, de Ibirubá e Cotripal, de Panambi.

Participaram do curso 35 técnicos - exceção aos técnicos da Cotrijuí que deverão participar de curso idêntico, a ser realizado também no CTC, nos primeiros dias de março. Além do gerente do CTC e coordenador do Grupo Técnico da Colza/Canola no Estado, o pesquisador Luís Volney Viau, também participou do curso, como palestrante, o produtor associado da Cotrijuí em Coronel Barros, Waldemar Michael. Na conversa que teve com os técnicos, seu Waldemar relatou suas experiências com a cultura, uma vez que planta colza há mais de 15 anos.

DIFUNDIR TECNOLOGIA - A proposta do Grupo Técnico da Colza/Canola do Estado é de difundir, cada vez mais, a tecnologia existente a respeito da cultura entre os produtores interessados em cultivá-la. Essa estratégia de difusão de tecnologia iniciou com os técnicos e teve prosseguimento em cada uma das cooperativas, através de cursos realizados com produtores que estão querendo plantar a oleaginosa já no próximo inverno. "Este trabalho, explicou Volney Viau, faz parte da estratégia que está sendo adotada e que visa a produção da colza/canola no Rio Grande do Sul. A importância da colza/canola como alternativa de cultivo para a estação fria vem sendo destacada no programa de produção em elaboração.

Essa nova perspectiva que o produtor começa a vislumbrar com a colza tem como ponto de partida o apoio que a indústria - no caso a Incobrasa - vem prometendo através da garantia de preços mínimo e comercialização da produção. "São dois fatores importantes para a cultura e que poderão fazê-la com que ocupe uma expressiva área de lavoura inclusive na nossa região", observa Volney Viau. Alguns produtores associados da Cotrijuí já possuem considerável experiência no cultivo da colza/canola. A própria Cotrijuí vem trabalhando com a colza desde 1974. A cultura só não deslanchou como alternativa econômica justamente pela falta de uma política de preços mínimos e de comercialização da produção.

Ao colocar a colza como mais uma alternativa de cultivo para o inverno, o Volney Viau diz que agronomicamente a Cotrijuí dispõe de toda a tecnologia necessária para a implantação desta lavoura. Além de variedades e entre as mais importantes o Volney Viau coloca a CTC-4, o Centro de Treinamento da Cotrijuí vem desenvolvendo tecnologias de cultivo da colza na região.



Waldemar Michael

Relato de uma experiência de 15 anos

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do eng. Agr. M. Sc. Luís Volney de Mattos Viau

A trajetória da Colza

A colza apresenta diversas denominações. Em inglês é conhecida como **rapeseed**. Em alemão, como **raps**. Os holandeses a chamam de **kohlsaar** e os franceses de **colza**. Todas estas denominações têm origem na palavra **rapum**, do latim e que significa planta da família da mostarda, couve, rabanete.



Colza Recuperando prestígio na lavoura do produtor

No século VI era usada como hortaliça. Na Europa, a partir do século XIII, com o surgimento da máquina a vapor, o óleo de colza adquiriu maior expressão como lubrificante em função da sua maior aderência às superfícies metálicas expostas ao vapor e a água. No século XVI as referências encontradas dizem que este óleo era também usado pelas civilizações antigas da Ásia e do Mediterrâneo em lamparinas e no fabrico de sabões. A necessidade de lubrificantes com tais características para atender as máquinas dos navios das Forças Aliadas, incentivou o cultivo desta oleaginosa no Canadá a partir de 1942.

Também são encontradas referências de que no século XVII desenvolveu-se, no Japão, o costume de comidas feitas com o uso do óleo de colza. Foi a partir de então, que a colza adquiriu importância como óleo comestível neste país.

Em 1956, o aspecto nutricional da colza foi questionado pelos cientistas, especialmente no que dizia respeito aos altos teores de ácido erúico e glucosinolatos que ela apresentava no óleo e no farelo, respectivamente. A partir da década de 60, os melhoristas de plantas responderam a esta inquietude, selecionando variedades com baixos teores dessas duas substâncias indesejáveis, com a criação de cultivares denominadas de Canola no Canadá e Colza Doble Zero na Europa.

A partir de então, a colza passa a ser uma importante oleaginosa, fornecendo óleo comestível e farelo para utilização em ração animal. Atualmente, a colza é a terceira oleaginosa produzida no mundo, como pode ser analisado na tabela 1.

Em 1974, o colza/canola foi introduzida no Brasil pela Cotrijuí, mais especificamente em Ijuí, no Rio Grande do Sul, como mais uma alternativa para o cultivo no inverno.

Em 1980, após vários trabalhos de experimentação e pesquisa desenvolvidos pela cooperativa, foram implantadas as primeiras lavouras a nível de agricultores. Nesse ano foram cultivados 2.500 hectares de lavoura na região, apresentando uma produtividade média de 1.100 quilos por hectare. No ano seguinte, foram plantadas 20.000 hectares, revelando uma produtividade em torno de 1.000 quilos por hectare.

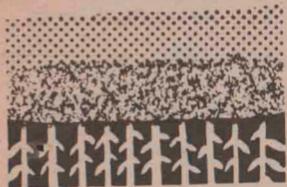
O desinteresse da indústria, na ocasião, emperrou o crescimento do programa de produção de colza no Estado, ficando, portanto, seu cultivo restrito ao uso de adubação verde. Isto porque alguns produtores da região viram na colza uma excelente planta para rotacionar com outras culturas.

A partir de 1987, com o reconhecimento do valor nutricional da colza/canola pelo Comitê Americano de Nutrição e Fundação Americana de Saúde, em função do baixo teor de colesterol do óleo, esta oleaginosa conseguiu recuperar o prestígio e assumir posição de destaque na nutrição humana. Assim, a colza/canola torna-se novamente uma alternativa agrônômica e econômica para os produtores da região Sul do Estado.

Tabela 1 - PRODUÇÃO MUNDIAL DE OLEAGINOSAS NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

CULTURA	Produção em milhões de toneladas			
	90/91	91/92	92/93	Média
Soja	104	107	116	109
Algodão	34	37	32	34
Colza	25	28	26	26
Girassol	23	22	21	22
Amendoim	16	16	17	16

Fonte: Oil World, 1993



Coordenação do engenheiro agrônomo
Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

A volta, com força, do plantio direto

Hoje, ninguém mais tem dúvidas em relação ao Plantio Direto (PD). É o sistema de produção ideal - pelo menos até prova em contrário - para as nossas condições de solos, topografia e clima subtropical.

É mais econômico e mais produtivo depois de implantado, podendo ser um pouco mais caro e menos produtivo no primeiro e talvez segundo anos. É conservacionista do solo por excelência.

O caminho da mudança do preparo convencional para o plantio direto (*) a nível de propriedade, é muito importante. Alguns técnicos acham que não, mas a história do PD na região autoriza esta afirmação. Introduzido em 1973 na região da Cotrijuí, o sistema, devido a erros primários que foram cometidos (além da deficiência de máquinas e de produtos químicos adequados) não evoluiu e ficou desacreditado perante muitos agricultores.

Alguns dos pioneiros daquela época, somente hoje - 20 anos depois - estão voltando ao PD. Desta vez, com mais confiança, mais conhecimento e amparados em máquinas e insumos químicos mais eficientes.

Queremos retomar o PD com força, de forma duradoura, permanente. Projetamos que nos próximos anos, 80 por cento da área de cultivo anual intensivo e mecanizado, seja ocupada pelo plantio direto.

Na última safra, em consequência de propaganda imediatista, muitos produtores voltaram a se lançar, afoitamente, no PD. Mais uma vez, houve frustrações e desânimo de alguns, o que compromete o avanço do sistema. Fica evidente que não basta comprar uma máquina e sair plantando.

O PD exige mais conhecimento de parte do produtor que o plantio convencional. É importante que a adesão ao sistema seja programada/planejada conscientemente e aconteça de forma gradual, minimizando os riscos e assegurando o sucesso. Neste sentido, recomendamos aos iniciantes do plantio direto:

1 - Que não iniciem com o sistema em toda a propriedade, na mesma safra. A área ideal para iniciar, talvez seja de 1/3 da área total. No terceiro ano, toda a propriedade estará integrada ao PD;

2 - Que realmente procurem conhecer melhor a sua propriedade, identificando e distinguindo os solos degradados (nos aspectos biológicos, físicos e

químicos) - os solos menos férteis e mais ácidos, os solos compactados, etc. Que façam uma amostragem e análise estratificada de seus solos em três profundidades - 0 a 5 cm; 5 a 10 cm e 10 a 20 cm.

3 - Que, identificados os problemas, promovam: a) a descompactação, eliminando o pé de arado/grade, com subsolador/escarificador). Esta prática, de choque, acelera a recuperação física deste solo através do PD, e deverá ser realizada no inverno; b) a correção da acidez e da fertilidade do solo, conforme análise, incorporando os corretivos, numa profundidade de 20 cm. Esta, que talvez seja a última "mexida" no solo, também deve ser realizada no inverno. Implica em ganho de tempo na efetiva correção do solo e em ganhos de produtividade já no primeiro ano. Ainda aumenta a resistência da cultura de verão a eventuais estiagens, devido ao enraizamento mais profundo.

4 - Que refaçam o sistema de terraceamento - também, provavelmente pela última vez - substituindo os terraços de base estreita com gradiente (TBEG), se ainda existem, pelos terraços de base larga em nível (TBLN). A boa conservação do solo e de água se obtém pela adoção de um conjunto de práticas conservacionistas. Jamais uma só prática ou sistema, de forma isolada, será suficientemente eficiente. O TBLN, além de contribuir para a conservação do solo propriamente dito, apresenta como benefícios importantes: a) induz ao plantio em nível, resultando em melhor desempenho das máquinas que trabalharão com menor esforço e desgaste - tendo sua vida útil aumentada - e com menor consumo de combustível; b) conserva mais água no solo, aumentando a resistência da cultura de verão às tradicionais estiagens de janeiro e fevereiro. Se para a "conservação do solo", especificamente, o terraço pode ser dispensado no PD, o mesmo não se aplica à maior conservação da água e à racionalização do sistema como um todo, melhorando o seu desempenho global.

5 - Que, embora hoje existam bons desseccantes e herbicidas pós-emergentes, o controle preliminar das invasoras é conveniente já que podem comprometer o melhor resultado da lavoura.

6 - Que o primeiro plantio "realmente direto" seja realizado no verão sendo precedido pela introdução de uma cultura de cobertura de solo e produtora de palha no inverno. Esta planta deve

ser rústica e de crescimento rápido, para cobrir o solo em pouco tempo. Deve produzir palha abundante e ter um bom sistema radicular - profundo e abundante. De preferência deve ser ainda, de baixo custo de implantação.

Se o PD iniciar pela soja, esta cultura poderá ser aveia preta, centeio, nabo ou colza, com destaque para as duas primeiras. Se for milho, poderá ser ervilhaca, tremoço, sincho, ervilha forrageira. Em ambos os casos, o consórcio - destaque para aveia ou centeio x ervilhaca - é viável e desejável. Soma o efeito alelopático das culturas consorciadas, ao fornecimento de nitrogênio pela leguminosa e de volu-

me de palha - e palha mais resistente à decomposição - pela gramínea.

Depois do 1º plantio direto é fundamental que a rotação de culturas seja praticada, alternando soja e milho na mesma área no verão, bem como, diferentes coberturas ou cultivos de grãos no inverno. Na colheita de grãos no inverno, é importante que a palha seja picada. Se a planta for dessecada, o emborrachamento ou a floração são os melhores estágios, dependendo do que será plantado a seguir.

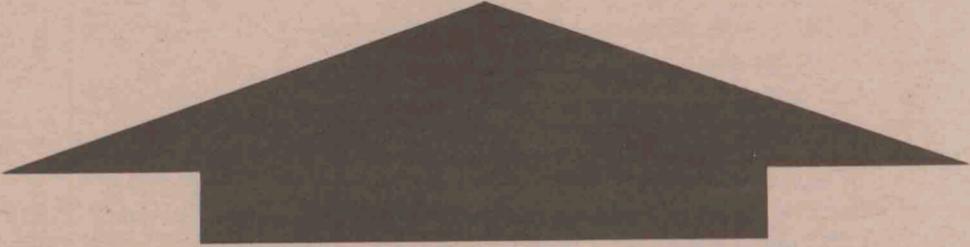
Existem outras formas de manejar a palha - rolagem, trituração, plantio com a palha em pé, etc. - que serão comentados oportu-

tunamente.

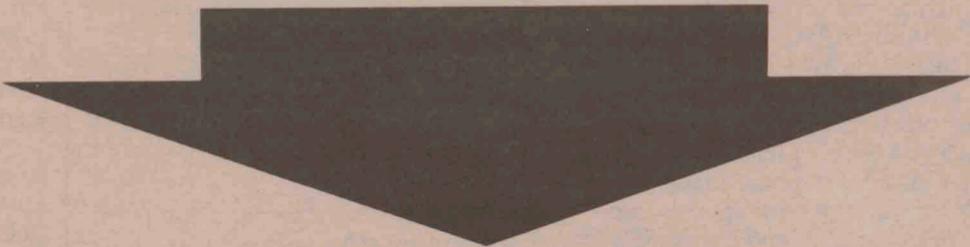
Obedecendo a estas "regrinhas" simples e básicas, o produtor estará reduzindo os riscos de se decepcionar com o sistema, e de comprometê-lo indevidamente.

(*) Entenda-se como preparo convencional, o trabalho profundo do solo com arado ou escarificador; o uso da grade somente, ou da escarificação superficial não podem ser confundidos com preparo convencional e devem ser rápida e definitivamente abandonados pelo agricultor

ALTO CONTROLE



NUVACRON



BAIXO CUSTO

NUVACRON

Dupla solução contra os percevejos.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (mascara, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO



Ciba Agro

NUVACRON® 400 Produto Registrado no Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária sob o nº 000.284-88. Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça.

049 0793

O classificador de sementes do seu Armindo

Alguns pedaços de madeira, peneiras e parafusos foram suficientes para que o produtor Armindo Ratz, de Chiapetta construisse um classificador de sementes

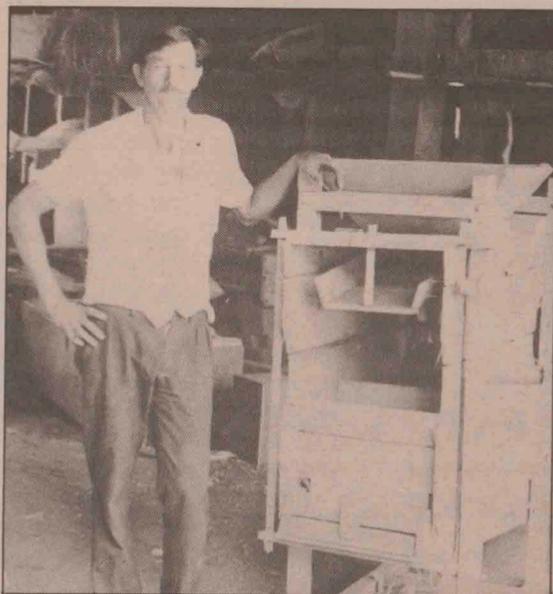
Alguns pedaços de madeira, peneiras compradas no comércio, alguns parafusos e muita criatividade. Estes os ingredientes necessários para que o produtor Armindo Ratz construisse o classificador de sementes dos seus sonhos. A idéia era antiga e persistiu a algumas tentativas fracassadas. "Nas outras vezes que tentei construí-lo, não deu certo", conta o seu Armindo, proprietário de 22 hectares de terra na localidade de Rincão da Laje, interior de Chiapetta.

Antes de arriscar mais uma tentativa, seu Armindo saiu pelo comércio, pesquisando preços. Voltou para casa meio arrasado. Por um classificador de sementes novo, teria que gastar o equivalente a 100 sacos de soja. Um usado, lhe custaria em torno de 50 sacos. Entre a faca e a parede e sem querer

gastar tanto dinheiro, "embora precisasse do classificador", seu Armindo não pensou duas vezes e resolveu arriscar numa nova tentativa.

NASHORAS VAGAS - Depois de examinar atentamente um classificador de sementes original, achou que estava em condições de construir um parecido. Usando madeira, peneiras e parafusos, em dois meses estava com o classificador no ponto. "Isso foi em setembro", conta seu Armindo que, por conta e risco, fez algumas adaptações no seu equipamento. Como não podia abandonar a lavoura e nem o trato dos animais, trabalhou apenas nos intervalos das lidas e nos dias de chuva. Sem considerar a mão-de-obra, calcula ter gasto o equivalente a oito sacos de soja na fabricação do classificador que tanto serve para semente de soja, trigo, aveia. "Ele serve para classificar qualquer produto", vai avisando entusiasmado com os testes que já fez e com os ganhos que já obteve na prestação de serviços para vizinhos e conhecidos.

Só com a classificação de sementes



Armindo Ratz, o autor do classificador
O produtor precisa fazer economia e se virar por conta

para terceiros, seu Armindo calcula que já tirou as despesas de fabricação. O equipamento é todo manual, mas tem capacidade para classificar até 10 sacos de semente por hora. Por serviço prestado, está cobrando 5 por cento da semente classificada. "O produtor, principalmente o pequeno, tem que trabalhar com muita economia", acredita seu Armindo entendendo ser hora do produtor se virar por conta própria, "já que os financiamentos, além de escassos não estão ao nosso alcance". Diz que a situação está muito ruim para o lado do médio e pequeno produtor, "mas não é hora de desanimar".

Entusiasmado com o sucesso da sua fabricação, seu Armindo só tem palavras para falar das vantagens e economia do produtor classificar em casa a sua semente. As impurezas podem ficar na propriedade e serem utilizadas na ração dos suínos ou no trato dos peixes, "como é o meu caso". Uma outra vantagem apontada pelo produtor é a possibilidade de se tirar um ganho a mais prestando serviços para terceiros.

LEITE/AUGUSTO PESTANA

A nova comissão de produtores

Em reunião realizada no dia 6 de dezembro, os produtores de leite de Augusto Pestana elegeram uma nova Comissão de Produtores de Leite. Na mesma reunião, definiram também os produtores integrantes da coordenação da Comissão Regional de Produtores de Leite da Unidade. A nova Comissão de Produtores de Leite de Augusto Pestana ficou constituída por Luís Júlio Bauer, representando Arroio Bonito e Rincão Menegol; Darci Otmar Wrasse, Ponte Ijuizinho, Rincão Seco e Esquina Gaúcha; Arno Bruno Ladwig, Paraíso e Cambará; Roberto Schunemann, representando Fundo Alegre; Albino Hugo Matte, Rincão Müller e Linha Santo Antônio; Wilson Scarton e

Wunibald Arnold, Rosário e Formigueiro; Paulo Schneider, a Linha São João, Esquina Renz, Bom Princípio e Rincão Ferreira; Paulo Gilmar Renz, Ijuizinho; Jorge Almir Matte, Rincão Klein; Edson Luís Noll, São Miguel; Lauri Jandir Haas, Marmeleiro, Rincão Comprido, Linha Progresso e Rondinha; Gerson Callai, Ponte Branca, Rincão Progresso e Boca da Picada e Jocemar Noll, representando Fundo Grande.

A Comissão Regional ficou constituída por Edson Luís Noll, eleito coordenador; Jorge Almir Matte, vice-coordenador; Arno Bruno Ladwig, secretário e Paulo Gilmar Renz, eleito segundo secretário.

SUINOCULTURA

Coordenação do Supervisor de Suinocultura da Cotrijui, o médico veterinário Gerson Madruga

Dejetos de suínos, um desafio permanente

Volnei Antônio Weschenfelder

A preocupação com o destino da utilização dos dejetos tem resultado em frequentes discussões. Do ponto de vista das informações técnicas mais aprofundadas em relação ao assunto, o caminho a ser percorrido ainda é longo e muita coisa precisa ser pesquisada e estudada. Ainda é bastante frágil o domínio dos conteúdos destas informações tanto por parte dos técnicos como dos produtores.

Todas as iniciativas têm sido voltadas para a questão ambiental, onde o solo e a água vêm merecendo atenção especial. Os europeus vêm sofrendo sérias consequências em razão da poluição de suas águas e solos por coliformes e taxas elevadas de nitritos e nitratos, entre outros. As recomendações que vêm sendo transmitidas aos produtores europeus sugerem limitação no número de matrizes. Justamente buscando reduzir o impacto da contaminação ambiental, já bastante agredido, a recomendação que vem sendo transmitida aos produtores é para que reduzam a no máximo duas matrizes por hectare.

Determinadas regiões do estado vizinho de Santa Catarina, onde a população de suínos é mais concentrada - como ocorre onde estão localizados os tradicionais programas de integração industrial -, já vêm apresentando graves problemas de poluição. No município de Concórdia, foram coletados, recentemente, amostragens de água consumida pela população - tanto humana como animal. Estas amostragens trouxeram à tona um número bastante preocupante. De um total de 1.665 amostragens coletadas, 84 por cento destas indicaram a presença da bactéria *Escherichia coli*, agente etiológico de patologia diversa tanto em animais como em humanos.

OS PERIGOS DA MOSCA - Vários assuntos de ordem sanitária poderiam ser revistos e analisados neste espaço, mas consideramos de extrema importância falar dos riscos e perigos que representam as moscas. Essa preocupação é válida não apenas para quem vive no meio rural, mas também para quem vive na cidade. A velocidade e a rapidez com que as moscas se reproduzem e se desenvolvem é espantoso. Para agravar ainda mais a situação, é preciso destacar a quantidade de espécies que existem na natureza, em torno de 40. A fêmea adulta da mosca doméstica acasala-se aos quatro/cinco dias de vida, depositando seus ovos em matéria orgânica em decomposição, sempre dando preferência para o esterco de suínos e aves.

Cada postura de uma mosca significa de 100 a 120 ovos colocados na natureza. Destes, após um período de 10 a 24 horas, saem pequeninas larvas que se alimentam do esterco úmido. A fêmea repete a postura de quatro a cinco vezes durante todo o seu período de vida. As larvas mudam de forma entre o quinto e o oitavo dia. Nesta fase, elas saem da parte úmida do esterco e se alojam no solo. Na última fase, chamada de pupa, ela fica envolvida no pupário - parte endurecida que protege - e desenvolve a fase adulta. Essa transformação leva em torno de quatro a cinco dias para ocorrer. Períodos muito quentes encurtam seu ciclo de vida.

A transmissão de doenças é a principal razão pela qual devemos combater as moscas. Essa transmissão está relacionada com a morfologia e a forma pela qual se alimentam. As moscas que se criam no esterco só se alimentam de líquidos, como secreções dos corpos dos animais, principalmente nas feridas abertas. Os alimentos sólidos, por sua vez, são dissolvidos com enzimas digestivas que as moscas vomitam sobre estes. Caso o esterco seja o seu último alimento, vão deixar grande quantidade de agentes infecciosos, disseminando uma série de doenças. Além das doenças bacterianas, elas ainda transmitem viroses e helmintoses - ovos dos vermes - e outras moscas parasitas, como os bernes.

As moscas carregam de cinco maneiras os agentes causadores de doenças:

- nas suas peças bucais - trombas;
- através do vômito;
- nos pelos do seu corpo;
- nas partes pegajosas das patas - púlvilos
- e através das suas fezes

Além da transmissão de doenças, ainda é preciso considerar o incômodo que elas representam aos animais - eles gastam 50 por cento do seu tempo, durante o dia, procurando espantá-las. A consequência desse incômodo é que não conseguem se alimentar adequadamente, especialmente em lugares com altas infestações. Outro aspecto a salientar é a sujeira que deixam com suas fezes e vômitos em instalações e equipamentos, influenciando na vida útil destes pela corrosão. Nas lâmpadas, reduzem a luminosidade, principalmente em galpões.

Em uma próxima oportunidade, vamos falar sobre as formas de controle das moscas. O assunto, como já foi dito inicialmente, é ainda um tanto vago. O importante é que cada pessoa procure ter a consciência dos perigos de contaminação da mosca e procure melhores esclarecimentos sobre o assunto. É melhor tomar os cuidados necessários agora, do que, a exemplo dos produtores europeus, ter que se lamentar mais adiante.

Fonte: Manual de Manejo e Utilização dos Dejetos de Suínos/Embrapa/Concórdia/Santa Catarina/1993.

* Volnei Antônio Weschenfelder é médico veterinário da Cotrijui na Unidade de Tenente Portela



LUÍS JULIANI
Economista Rural
Divisão Agrotécnica

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

PROD.	BASE DE COMPARAÇÃO	MÉDIA DOS ÚLTIMOS 12 ANOS	JAN
Quantas sacas são necessárias para adquirir:			
FEIJÃO	01 t. de calcário	0,5	0,9
	01 t. de superfosfato simples	4,9	5,8
	01 t. de adubo (1)	12,3	8,7
	01 t. de uréia (1)	14,7	10,1
MILHO	01 automotriz	7.463,8	9.055
	01 trator médio	3.898,5	5.794
	01 t. de uréia	44,6	29,1
	01 t. de superfosfato triplo	27,1	28,9
	01 t. de calcário	2,9	2,6
	01 saca de soja	1,7	1,8
	01 t. de adubo	31,9	24,9
	100 litros de diesel	4,1	5,5
	20 kg de semente (1)	6,7	-
	01 litro de herbicida (2)	0,9	0,8
SOJA	01 automotriz	4.422,0	4.503
	01 trator médio	2.377,0	2.881
	01 ton. de calcário	1,4	1,4
	01 ton. superfosfato triplo (1)	21,1	15,9
	50 kg de semente	1,2	-
	100 litros de diesel	2,5	2,7
	01 ton. de adubo	19,0	12,9
	01 litro de herbicida (2)	2,7	2,4
TRIGO	01 automotriz	5.373,1	8.179
	01 trator médio	3.053,7	5.233
	01 ton. de uréia	22,4	30,4
	01 ton. de calcário	1,8	2,7
	100 litros de diesel	2,7	4,9
	01 ton. de adubo	21,2	26,0
	01 litro de fungicida (2)	6,1	7,1
	50 kg de semente (2)	1,8	-
Quantos litros são necessários para adquirir:			
LEITE	01 saca de milho	30,1	36,9
	01 saca de soja	50,6	67,2
	01 kg de bovino	3,1	3,9
	01 ton. de uréia	1.346,6	1.063
	01 ton. de superfosfato triplo (1)	1.620,7	1.058
	100 litros de diesel	123,0	196
	01 ordenhadeira (1)	8.541,5	8.500
	01 resfriador (1)	4.369,0	4.550
	01 kg de farelo de soja	1,1	1,2
Quanto se adquire com 1 kg. de suíno:			
SUÍNO	kg. de milho	6,8	6,2
	kg de soja	4,6	3,4
	litros de leite	3,8	3,8
	kg. de bovino	1,0	1,0
	kg. de concentrado	2,7	2,2
	kg de ração crescimento	3,7	3,5
	kg. de ração terminação	4,0	3,8
	kg de farelo de soja (1)	2,9	3,1

Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL
(1) MÉDIA DE UM ANO

Apesar das dificuldades iniciais com a formação da lavoura de soja com a falta de chuvas em janeiro, 1994 pode não ser um ano tão indiferente ao produtor. Na relação de troca, por exemplo, a soja continua na frente em termos de preços, proporcionando melhores negócios neste janeiro do que no mesmo período de 1993. O produtor que adquiriu uma automotriz em janeiro deste ano, conseguiu economizar, se comparado com os preços praticados em janeiro do ano passado, 894 sacos de soja. Ou melhor, conseguiu fazer uma economia superior a 11.200 dólares. Quem comprou adubo em janeiro fez uma economia de 2,8 sacos de soja por tonelada. O óleo diesel, no entanto, aparece como a ovelha negra dos insumos. Neste mesmo período, o óleo diesel conseguiu registrar aumentos superiores aos da soja, levando o produtor a necessitar de mais soja para comprar a mesma quantidade de produto.

A soja, o trigo e o bovino iniciaram o ano, em termos de preços, driblando a inflação medida pelo IGP-M e que foi de 39,07 por cento. A soja teve um reajuste de 43,23 por cento, o trigo de 44,32 por cento e o bovino de 42,86 por cento.

VARIAÇÃO DOS PREÇOS COMPARADOS COM INDICADORES ECONÔMICOS

PRODUTO	VARIAÇÃO NO MÊS %
	Janeiro
SOJA	43,23
MILHO	16,67
TRIGO	44,32
SUÍNO	19,75
BOVINO	42,86
LEITE	39,29
IGP-M (FGV)	39,07
INPC (IBGE)	
DÓLAR	42,48
POUPANÇA	41,79

PREÇOS MÍNIMOS SAFRA 1993/1994 - EM CR\$

PRODUTO	Janeiro
Arroz	
Irrigado	3.176,50
Sequeiro	2.803,80
Milho	2.004,60
Soja	2.578,80
Feijão	7.126,80
Trigo	2.717,40
Triticale	2.445,60

Fonte: CONAB/COTRIJUI

Elaboração: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

ANO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1 - SOJA US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	10,75	10,40	10,52	10,59	10,82	10,71	10,64	11,11	11,31	11,39	11,46	11,26
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58
1993	11,27	11,10	10,01	9,52	9,87	10,18	12,07	12,04	11,85	11,71	12,17	12,75
1994	12,63											
Preço e dólar médio do mês												
2 - MILHO US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	6,59	6,18	6,06	6,21	6,29	6,56	6,24	6,26	6,53	6,70	7,00	6,79
1992	5,62	4,72	4,23	-	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28
1993	6,64	5,94	5,54	5,55	6,03	6,23	6,38	6,58	6,92	6,92	7,48	7,78
1994	6,94											
Preço dólar médio do mês												
3 - TRIGO US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	10,48	9,77	-	11,78	11,78	11,55	11,70	10,52	11,32	11,09	10,96	10,83
1992	-	-	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68
1993	7,98	8,07	8,12	7,67	7,88	7,72	7,49	7,68	7,29	6,80	7,11	7,18
1994	6,64											
Preço e dólar médio do mês												
4 - SUÍNOS US\$/KG												
MÉDIA 14 ANOS	0,70	0,73	0,76	0,71	0,73	0,79	0,73	0,71	0,69	0,70	0,67	0,73
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82
1993	0,81	0,76	0,73	0,68	0,62	0,68	0,75	0,69	0,67	0,68	0,73	1,83
1994	0,72											
Preço e dólar médio do mês												
5 - BOVINOS US\$/KG												
MÉDIA 14 ANOS	0,66	0,62	0,61	0,60	0,61	0,64	0,70	0,76	0,77	0,76	0,73	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	-	0,79	0,66	0,61	0,74
1993	0,66	0,69	0,63	0,70	0,71	0,65	0,85	0,88	0,85	0,79	0,68	0,72
1994	0,73											
Preço e dólar médio do mês												
6 - LEITE US\$/LITRO (1)												
MÉDIA 14 ANOS	0,21	0,21	0,21	0,23	0,23	0,22	0,21	0,21	0,20	0,21	0,20	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18
1993	0,18	0,18	0,21	0,22	0,23	0,23	0,23	0,22	0,22	0,22	0,21	0,19
1994	0,19											
Preço e dólar médio do mês - (1) Não está incluído o leite extra cota												
Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO - Elaboração: ECONOMIA RURAL												

Pesquisadores avaliam controle de ervas daninhas

Várias instituições gaúchas de pesquisas e que vêm atuando na área de controle de plantas daninhas, realizaram a Segunda Tour de Plantas Daninhas do Rio Grande do Sul. Participaram do evento, que aconteceu de 10 a 13 de janeiro, técnicos de entidades oficiais - UFRGS, UFPel, UPF, Fundacep/Fecotrigo, Fundação Ipagro, Irga, Cotrijuí e CNPT/Embrapa - e de entidades privadas - Hoechst, Cyanamid, ICI, Ciba Agro, Hokko, Basf, Du Pont, FMC Defesa e Agroalpha -, num total de 37 pessoas.

Durante a Tour foram visitadas instituições de pesquisas das regiões de Porto Alegre - UFRGS e Irga -, de Santa Maria - UFSM -, de Pelotas - UFPel - e CPACT/Embrapa -, de Cruz Alta - Fundacep/Fecotrigo - e de Passo Fundo - CNPT/Embrapa e a Agroalpha -, quando foram observados 54 ensaios de plantas daninhas nas culturas da soja, do milho e do arroz. O grupo também observou o desempenho dos herbicidas e os métodos de controle de plantas daninhas em 2.444 parcelas experimentais. Essa Segunda Tour foi coordenada pelo pesquisador José Alberto de Oliveira Velloso, do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo/Embrapa e pelo professor da Universidade de Passo Fundo, Oswaldo Barbosa Braga.

UNIFORMIZAR CONHECIMENTOS - Segundo o pesquisador José Alberto de Oliveira Velloso, essa Segunda Tour de Plantas Daninhas teve como objetivo uniformizar conhecimentos sobre as principais técnicas de controle destas pragas e avaliar os ensaios com herbicidas, "além de integrar pesquisadores da área oficial com a privada". Para o pesquisador, ações como esta facilitam os técnicos na tomada de decisões em relação ao momento de recomendar práticas de controle de plantas daninhas nas lavouras de soja, de milho e de arroz, "aumentando a segurança das recomendações e possibilitando a particularização para o controle de plantas daninhas específicas para diferentes situações ecológicas e, assim, aumentar a qualidade das informações a serem repassadas para a assistência técnica, extensão rural e agricultores".

O supervisor de insumos da Cotrijuí, Adão Acosta acompanhou esta Segunda Tour de Plantas Daninhas pelo Estado e classificou-a de "uma oportunidade importante para os técnicos e associados da cooperativa, na medida em que muitas das recomendações da pesquisa podem ser ajustadas à linha de herbicidas usada na região. A Tour possibilitou ainda a observação de novas tecnologias de aplicação e as tendências e formulações que as empresas podem e pretendem lançar no mercado.

A Tour encerrou com uma reunião - na sede do CNPT - de avaliação do evento. Na ocasião ficou decidida a realização da Terceira Tour. Em dezembro os pesquisadores vão visitar os ensaios de plantas daninhas para o arroz e em janeiro de 1995, as para soja e milho. A coordenação dessa Tour fica a cargo da Fundacep/Fecotrigo e as empresas fabricantes de herbicidas formarão uma comissão para elaborar o orçamento dos custos do evento.

Nessa próxima Tour também serão convidados pesquisadores de entidades oficiais e privadas de Santa Catarina com o objetivo de ampliar os benefícios de divulgação do conhecimento gerado e integrar toda a pesquisa da área. Também serão instalados ensaios em redes nas instituições oficiais de pesquisa para facilitar e uniformizar os tratamentos químicos. A proposta destes ensaios é dar uma idéia precisa da eficiência dos diferentes herbicidas nas culturas da soja, do milho e do arroz.

A soja inicia o ano com uma das melhores cotações dos últimos 14 anos, perdendo apenas para janeiro de 1984 e janeiro de 1989. Nesta performance, fechou janeiro com uma cotação de 12,63 dólares o saco, o que representa 17,5 por cento superior a média destes últimos 14 anos, neste mesmo mês. O milho está compensando a provável quebra que poderá apresentar na lavoura com uma cotação, a nível de produtor, animadora. A cotação de janeiro ficou em 6,94 dólares, ou seja, 5,3 por cento acima da média dos últimos 14 anos neste mesmo mês e 7,6 por cento acima do preço praticado em dezembro de 1993. O preço do bovino voltou ao patamar dos 0,70 dólares por quilo, preço este praticado na maioria dos meses de 1993. Mesmo assim, o preço médio ficou 11 por cento acima do preço médio praticado no ano passado.

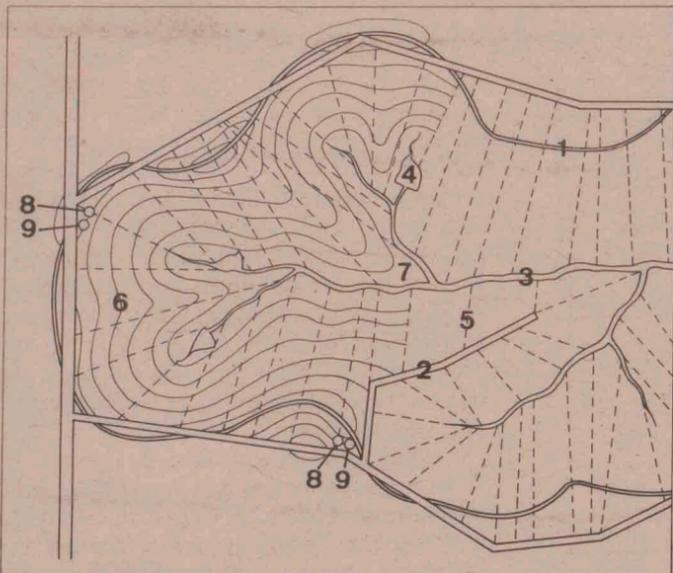
ÍNDICES ECONÔMICOS 1994

ÍNDICES	Janeiro	Fevereiro
INPC-IBGE		
IGP-M FGV	39,07	
IGP - FGV		
UFIR Cr\$	187,77	261,32
UREF Cr\$	89,67	
POUPANÇA*	41,79	
DÓLAR Cr\$		
ÚLTIMO/MÊS	450,08	
MÉDIA MENSAL	381,66	
Fonte: SUMA ECONÔMICA e COTRIJUÍ		
DÓLAR COMERCIAL - *Último dia do mês		
UREF - Unidade de Referência Agroindustrial		

FAÇA PRESERVAÇÃO DO SOLO ATRAVÉS DE...

MICROBACIAS

ESQUEMA: CONSERVAÇÃO DO SOLO
A NÍVEL DE MICROBACIAS



LEGENDA:

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| 1 - Divisores de água | 6 - Terraços em nível |
| 2 - Estradas | 7 - Matas - Reflorestamento |
| 3 - Rios | 8 - Depósito de lixo tóxico |
| 4 - Açúdes/Piscicultura/Irrigação | 9 - Abastecedores comunitários |
| 5 - Divisas de propriedades | |

PARCEIROS:

Municípios:

Tenente Portela

Eral Seco

Coronel Bicaco

Coronel Barros

Chiapetta

Ajuricaba

Augusto Pestana

Barra do Guarita

Dois Irmãos

das Missões

São Valério do Sul

Santo Augusto

Braga

Derrubadas

Vista Gaúcha

Inhacorá

Redentora

Jóia

Miraguaí

Ijuí

EMATER-RS

COTRIJUI

A SALVAÇÃO DA TERRA.

A SALVAÇÃO DO HOMEM.

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL - ELABORADO NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE/UNIJUI

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

Todo ser humano, homem ou mulher nasce com o instinto para aprender. Podemos nos construir como pessoas de bem. Se investirmos na família, na escola e nos meios de comunicação, enquanto instituições que moldam nosso comportamento.

É na família que se formam os primeiros valores como o amor, o respeito por si mesmo e ao próximo. Na escola é importante que os professores descubram quais os valores básicos que vão auxiliar as novas gerações. Servindo de referenciais a construção de um homem ou mulher mais solidário e feliz.

A FAMÍLIA, COMO VAI?



2 NO MUNDO DA RUA

A rua é para os humanos normais um lugar de passar. Por ela, os normais seguem para chegar em algum lugar. Às vezes, param para olhar as vitrines ou para conversar com amigos, também normais. Mas para outras pessoas a rua é lugar de ficar. De dormir, de acordar. Essas outras pessoas parecem não fazer parte do mundo normal. Os normais, que os vêem todos os dias, dão esmolas. Não se sabe se é pena ou se é um pagamento para poderem seguir com a consciência em paz. Nesse mundo a parte, os rostos que passam pela calçada são apenas elementos do cenário.

A insustentável necessidade de sobrevivência do ser obriga seu João a comer restos de lixo. Às 19 horas de uma sexta-feira fria, quando as pessoas recolhem-se para seus lares aquecidos, ele aguarda. Aguarda em frente à loja das Malhas Catarinenses, na Acampamento, onde dorme, que as pessoas coloquem o lixo na rua para poder jantar.

Enquanto isso, observa o movimento dos que cruzam pela calçada e o ignoram. Caminha à procura de um papelão que lhe sirva de cobertor. O tempo. Ah! O



tempo... esse parece não importar. Para seu João é quarta-feira de 1908. Pode morrer ali, nessa noite, sozinho que não tem problema pois "não vou para o inferno, não sou criminoso nem ladrão. E se não morrer logo, gostaria de ser feliz". E o que é essa tal felicidade? É ficar assim... meio tonto, meio bobo".

Com 17 anos veio do interior de Santa Maria para a cidade e desde então vive na rua. Hoje tem 70, 80, 90 anos, não sabe definir. Não é casado nem tem filhos. Não estudou, "a vida ensina mais". Diz que tem uma casa lá longe, mas ele não volta porque não tem mais trem. Amigos: "tenho". Aonde: "lá... lá pra baixo".

Quando amanhece, a polícia é que acorda seu João. O dia passa, mas não voa. Disfarça-se nas caminhadas e em assobios tímidos esperando as horas passarem. Às vezes pode mudar a rotina com alguma roçada que rende alguns troquinhos. Mas sempre à espera do cair da noite. Do clarear do dia. O cair da noite. O clarear do...

AVESSO
Faculdade de Comunicação Social
21 de maio de 1993 - número três

O

alcooolismo é uma doença que tem implicações biológicas, psicológicas e sociais. Por isso ela envolve a vida de uma pessoa no seu todo: na família, no trabalho, no círculo de amizades.

Cada organismo metaboliza o álcool de maneira diferente. A pessoa viciada tem necessidade de usar o álcool. Num primeiro momento ocorre o desenvolvimento da tolerância, o organismo do alcoolista começa a ficar menos resistente à bebida. Esta pessoa tem menos condições físicas de metabolizar o álcool, bebe mais e se intoxica. A tontura de uma bebedeira é a intoxicação no cérebro.

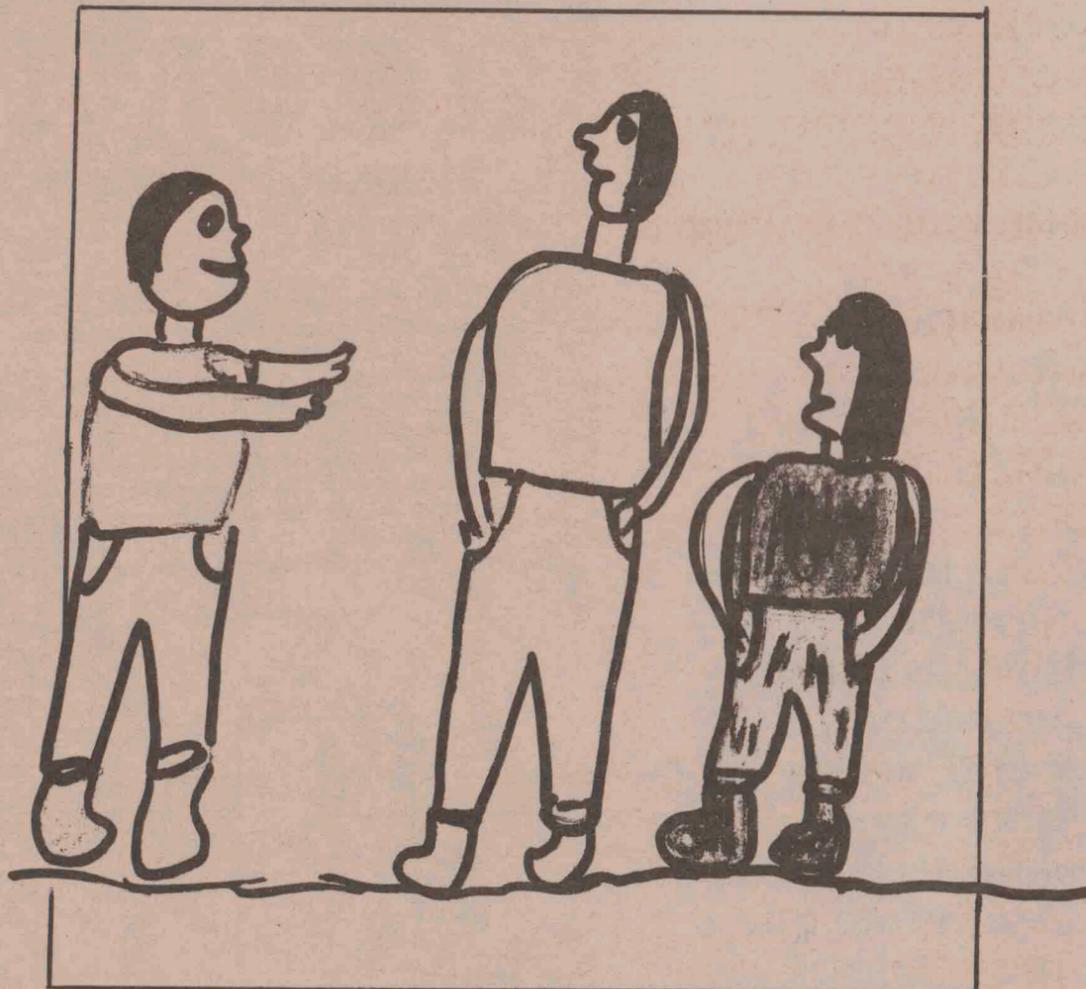
Até hoje a ciência não explicou claramente porque uma pessoa se torna um alcoolista. Mas existem alguns dados importantes: a maioria dos alcoolistas começa a beber na adolescência. A pessoa que tem a doença sente necessidade física da bebida. Normalmente começa com as mais fracas e vai passando para as mais fortes com o passar do tempo (as chamadas bebidas destiladas, cachaça, vodka, conhaque, uisque).

O alcoolista vai mudando seus hábitos pela necessidade que sente do álcool. Um sintoma disso é que os programas começam sempre a ter um motivo para beber alguma coisa. Junto ao fato de que uma pessoa que bebe muda seu comportamento com a tontura, na maneira de falar e se comportar. Isso acaba transformando toda a estrutura da vida da pessoa. Muitas vezes essas pessoas não se dão conta de que estão doentes, precisando de um tratamento. É muito difícil para um alcoolista reconhecer que tem a doença pela própria dependência física criada pelo álcool.

A brabeza, a insônia, as tremedeiras são alguns desses sintomas causados pela ação do álcool no sistema nervoso central.

Em relação a hereditariedade da doença, até agora os estudos feitos registram que filhos de alcoolistas têm de 3 a 5 por cento de probabilidade de ter a doença.

“ QUANDO A FAMÍLIA FICA COMPROMETIDA... ”



A única doença que um alcoolista passa para o filho é quando a mãe bebe na gravidez. A doença se chama síndrome do alcoolismo fetal, o nenê nasce já com problemas de dependência.

Uma pessoa alcoolista não significa que ela não tenha moral, ou não tenha caráter, ou que seja pior que os outros. Essa pessoa está doente. Ela precisa de ajuda assim como todos que a cercam e amam.

A família é, sem dúvida, um dos grandes desafios deste final de século.

Lugar de encontro, espaço de vivência humana, ponto de partida de um mundo mais humano.

O cartaz da campanha da fraternidade pretende fixar a imagem de uma nova sociedade que poderá ser construída a partir de uma convivência solidária.

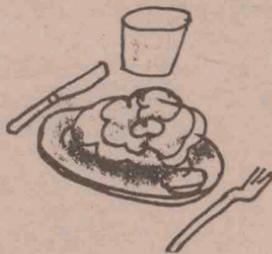
COMO O CÓLERA SE ESPALHA



Onde não há esgoto, o cocô contaminado pela bactéria chega a um rio



A água do rio é usada para molhar plantações que acabam contaminadas



Quem toma água do rio ou come essas plantas pode pegar o cólera



O cocô de pessoas com cólera pode ser jogado ao mar perto da praia



A bactéria se abriga nos mariscos e peixes e vive por vários dias



Quem come essas coisas sem cozinhá-las pode ficar com cólera

ÁGUA SEM TRATAMENTO DA CÓLERA

Marina Caldeira
Especial para a Folhinha
Dia: 18 de maio de 1991
FOLHA DE SÃO PAULO

O cólera é uma doença muito antiga. Você não ouvia falar dela até poucos meses, porque ninguém ficava doente de cólera no Brasil há quase um século (100 anos).

De tempos em tempos, o cólera se espalha pelo mundo todo. São os viajantes doentes que espalham a doença por onde passam.

Agora a doença chegou no Chile, no Equador e em países vizinhos do Brasil: Peru, Colômbia e Argentina. O cólera já passou a fronteira e está na Amazônia.

O problema é que o cólera deve se espalhar pelo resto do país.

O "bichinho" do cólera é encontrado na água.

O cólera sempre existiu na Ásia, principalmente na Índia, que é um país pobre. A água que as pessoas bebem lá não é tratada.

COMO FICA O DOENTE

Quem tem cólera cansa de ir ao banheiro. A pessoa tem diarreia muito forte. Ela precisa ir urgente ao hospital tomar soro na veia.

A diarreia acontece, porque o "bichinho" vibrião do cólera produz substâncias tóxicas. Elas irritam a camada que cobre o intestino por dentro.

Essa camada fica fininha e deixa toda a água do corpo entrar no intestino. Ai a água sai.

Se a pessoa que está com cólera não faz nenhum tratamento, pode morrer por falta de água dentro do corpo: desidratação.

O MENINO

Era uma vez um menino chamado Alex. Alex é um menino muito bom, ele tem doze anos e vai na quinta série. A professora dele é a Maristela.

Alex gosta de sua professora.

Ele tem um cachorrinho chamado Zezé. Zezé sempre vai junto com Alex para a escola, mas Zezé não pode entrar na sala de aula.

Um dia, Alex e Zezé foram para casa e a mãe dele fez uma boa sopa e Alex e seu cachorrinho comeram.

Outro dia, Alex e Zezé foram tirar uma foto, que ficou uma graça. Zezé tirou uma foto em cima do tapete e Alex pagou muito caro, ele pagou pelas fotos, um mil cruzado.

Alex pegou as fotos e foi embora. A mãe dele achou as fotos muito bonitas.

Lovane Ines Weimer
2ª série
8 anos



"BICHINHOS" É UMA BACTÉRIA

O "bichinho" que provoca a doença cólera é uma bactéria. A bactéria do cólera é chamada de vibrião, por causa do seu nome científico: "Vibro cholerae".

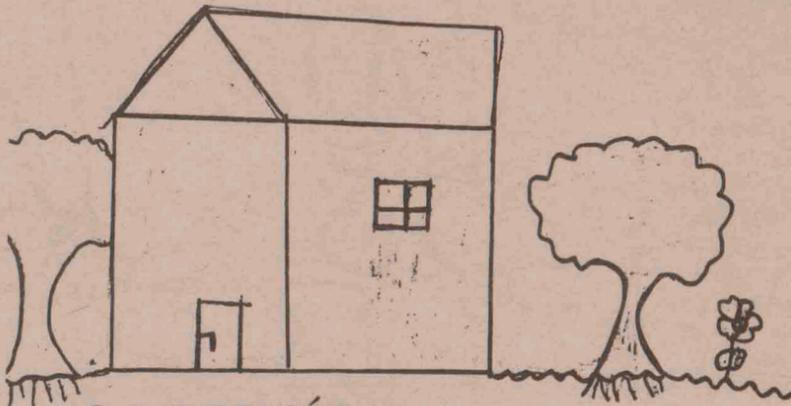
O vibrião, assim como outras bactérias, é muito pequeno.

O vibrião geralmente fica na água, em alimentos ou no cocô contaminado.

Ele só é visto com a ajuda de um microscópio, que aumenta a imagem dos objetos centenas de vezes.

Para se ver o vibrião ao microscópio, é preciso colorir o material onde ele está.

Os cientistas usam corantes especiais para ver as bactérias.



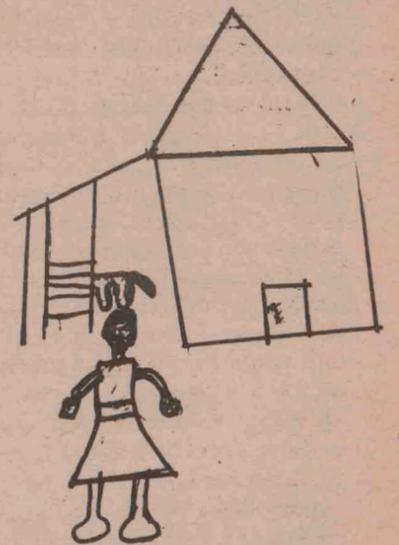
O MUNICÍPIO

O nosso município é um lugar muito próspero. Ele tem tantas belezas, excelente agricultura, com terras férteis, onde são plantadas muitas espécies de mudas de árvores frutíferas, que produzem gostosos frutos.

Também são plantadas: a soja, milho, arroz e muitas outras variedades de alimentos.

A pecuária leiteira ocupa lugar de destaque no município, por sua boa produção.

A nossa cidade não é muito grande, mas é linda. Tem casas, lojas, mercados, igrejas, ruas e jardins floridos. Também a praça ajuda a dar vida e beleza à cidade pestanense.



Ela é habitada por pessoas que se compreendem e se ajudam umas às outras.

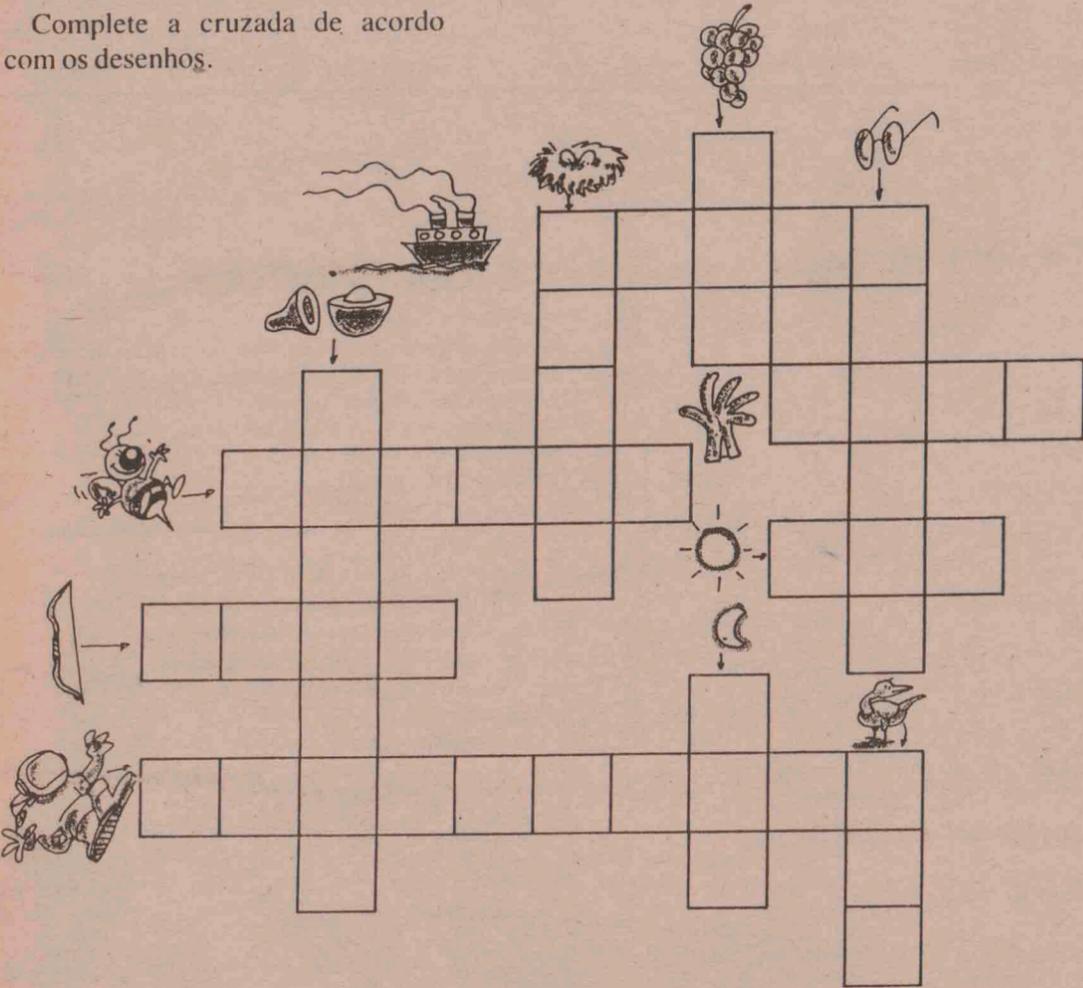
Tassiana Cristina Ciotti
3ª série
9 anos
Escola Silveira Martins
Arroio Bonito - Augusto Pestana

Coisas cruzadas

LIDIA CHAIB

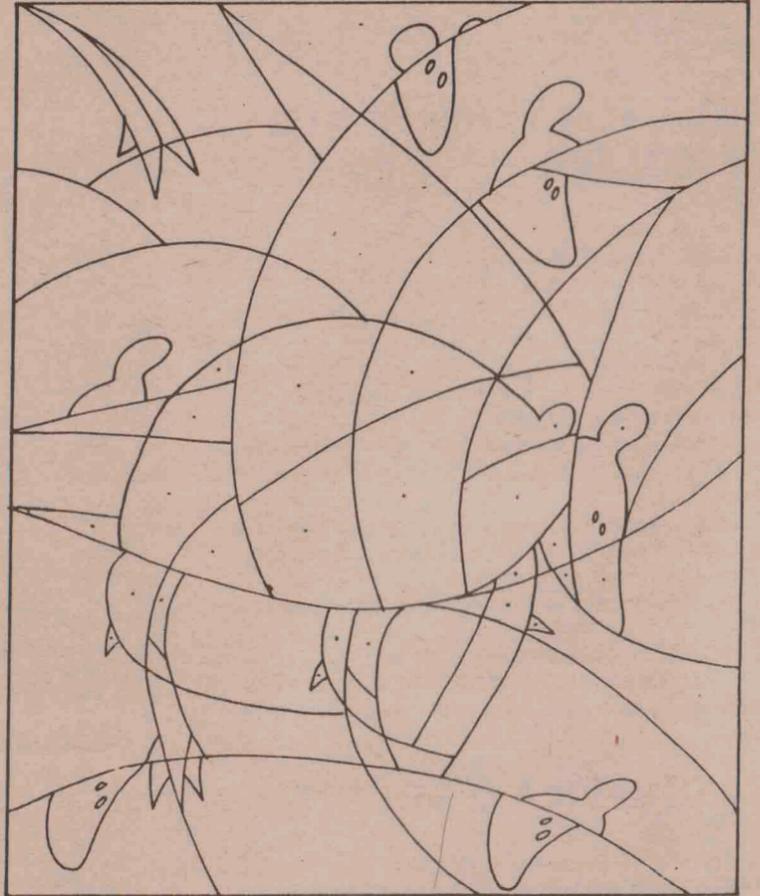
Free-lance para a Folhinha

Complete a cruzada de acordo com os desenhos.



Este bicho está sempre em missão de paz

Pinte os espaços com os pontinhos e conheça um bicho que adora comer cupins. É seu alimento preferido. Esse bicho não gosta de brigas. Em vez de lutar, prefere se enfiar pela terra e sumir.



Ricau

Quem nasce para formiga nunca chega a centopéia

As formigas têm seis patas. Mas neste formigueiro existem cinco formigas com oito patas. Descubra onde elas estão.



07